



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



LÍDIA MARIA DA SILVA FREIRE

**AGUÇANDO MECANISMOS DE COMPREENSÃO LEITORA A
PARTIR DE PRÁTICAS DE LEITURA DE CONTOS ESCOLHIDOS**

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2019

LÍDIA MARIA DA SILVA FREIRE

**AGUÇANDO MECANISMOS DE COMPREENSÃO LEITORA A
PARTIR DE PRÁTICAS DE LEITURA DE CONTOS ESCOLHIDOS**

Relatório apresentado ao Mestrado
Profissional em Letras da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito para a
obtenção do título de mestre.

**Orientadora: Prof^a Dr^a Laura Camila
Braz de Almeida**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRO-REITORIA DE POS-GRADUAÇÃO E PESQUISA-POSGRAP
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO O PROFESSIONAL EM LETRAS PROFLETRAS/SC



ATA DE DEFESA DA COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELA ESTUDANTE LÍDIA MARIA DA SILVA FREIRE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE PROFESSIONAL EM LETRAS EM REDE - PROFLETRAS. Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às quatorze horas, na sala 1 (Polo de Gestão) da Universidade Federal de Sergipe, reuniu-se a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado LÍDIA MARIA DA SILVA, composta pelos professores doutores: **LEILANE RAMOS DA SILVA** (Presidente da Banca), **ALBERTO ROIPHE BRUNO** (membro interno) e **MARCELA MOURA TORRES PAIM** (membro externo ao programa) para examinar o trabalho apresentado sob o título **AGUÇANDO MECANISMOS DE COMPREENSÃO LEITORA A PARTIR DE PRÁTICAS DE LEITURA DE CONTOS ESCOLHIDOS**. A professora Leilane Ramos da Silva, assumindo os trabalhos na qualidade de Presidente da Comissão, passou a palavra à candidata, informando a todos o tempo limite de 20 minutos para a apresentação inicial. Terminada a exposição da mestranda, o Presidente passou a palavra a cada um dos membros da Comissão Julgadora, informando que o tempo previsto para a arguição era de trinta minutos. Após a arguição, a comissão deliberou sobre o resultado da avaliação do trabalho. Em relação ao título de "Mestre Profissional em Letras", a mestranda foi considerada:

- (X) **APROVADA**
() **APROVADA COM RESTRIÇÃO**
() **REPROVADA**

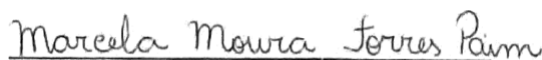
Parecer:

O trabalho é relevante para a área de Letras no que se refere ao letramento literário na educação básica, sendo o seu produto altamente replicável.

Para constar, eu, Luana Francisca da Silva Fraga (secretária), lavrei a presente ata, que será lida, aprovada e assinada pelos Membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos", 28 de fevereiro de 2020.


LEILANE RAMOS DA SILVA
PRESIDENTE


ALBERTO ROIPHE BRUNO
EXAMINADOR INTERNO



MARCELA MOURA TORRES PAIM
EXAMINADORA EXTERNA

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Freire, Lídia Maria da Silva

F853a Aguçando mecanismos de compreensão leitora a partir de práticas de leitura de contos escolhidos / Lídia Maria da Silva Freire; orientadora Laura Camila Braz de Almeida.– São Cristóvão, SE, 2019.

123 f. : il.

Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

1. Compreensão na leitura. 2. Leitura – Estudo e ensino. 3. Letramento. 4. Conto. I. Almeida, Laura Camila Braz de, orient. II. Título.

CDU 808

“Nossas crenças medeiam nossas práticas”.
Raquel Freitag

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre o ensino de estratégias de leitura do texto literário, voltado para alguns clássicos da Literatura brasileira, a partir do gênero conto, com alunos do 8º ano de uma escola pública estadual no município de Tobias Barreto – Sergipe. Tendo em vista a carência de leitura dos alunos, a habilidade de leitura incipiente e a falta de afinidade no tratamento com as obras clássicas, observadas durante as aulas de Língua Portuguesa, faz-se primordial o desenvolvimento de estratégias interventivas ante esse quadro. Como é geralmente no ambiente escolar que os discentes têm contato com esse tipo de leitura importante para a formação da consciência crítica e cidadã dos mesmos, bem como à humanização da sociedade frente ao tecnicismo pós-moderno, vale salientar a responsabilidade dessa instituição com a Literatura. Logo, espera-se que a escola promova um contato mais efetivo e afetivo com a forma de arte mais antiga da sociedade. Por isso, esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do letramento literário proposto por Rildo Cosson (2016), das concepções de leitura abordadas por Koch e Elias (2007) e Kleiman (2012) e dos processos e estratégias de leitura evidenciados por Kato (2007) Solé (1998) e Dolz e Scheneuwly (2004) à luz dos descritores presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC – para o Ensino Fundamental e pautada também no Projeto Político Pedagógico da escola, o qual enfatiza a necessidade de um trabalho voltado para o desenvolvimento de uma proficiência leitora. Com isso, espera-se que os alunos, a partir de suas vivências e com base nos contos escolhidos, possam se tornar um leitor habilidoso, cujas habilidades perpassem todos os níveis de leitura de um texto, desde aqueles mais simples até os mais complexos.

PALAVRAS-CHAVES: Estratégias de Leitura. Letramento Literário. Conto.

RESUMEN

Este trabajo presenta un estudio sobre la enseñanza de estrategias de lectura del texto literario, centrada en algunos clásicos de la Literatura brasileña, a partir del género cuento, con alumnos del 8º grado de una escuela pública estatal en el municipio de Tobias Barreto - Sergipe. Dada la falta de lectura de los estudiantes, la incipiente capacidad de lectura y la falta de afinidad en el tratamiento con los trabajos clásicos observados durante las clases de lengua portuguesa, el desarrollo de estrategias de intervención en este contexto es primordial. Como es generalmente en el ambiente escolar que los estudiantes tienen contacto con este tipo de lectura importante para la formación de su conciencia crítica y ciudadana, así como la humanización de la sociedad frente al tecnicismo posmoderno, vale la pena mencionar la responsabilidad de esta institución con la literatura. . Por lo tanto, se espera que la escuela promueva un contacto más efectivo y afectivo con la forma artística más antigua de la sociedad. Por lo tanto, esta investigación se desarrolló dentro del alcance de la alfabetización literaria propuesta por Rildo Cosson (2016), las concepciones de lectura abordadas por Koch y Elias (2007) y Kleiman (2012) y los procesos y estrategias de lectura evidenciados por Kato (2007). Solé (1998) y Dolz y Scheneuwly (2004) a la luz de los descriptores presentes en la Base de Currículo Nacional Común - BNCC - para Educación Primaria y también basados en el Proyecto Político Pedagógico de la escuela, que enfatiza la necesidad de un trabajo orientado al desarrollo de un dominio de lectura. Por lo tanto, se espera que los estudiantes, a partir de sus experiencias y basados en los cuentos elegidos, puedan convertirse en un lector experto cuyas habilidades van más allá de todos los niveles de lectura de un texto, desde el más simple hasta el más complejo.

PALABRAS CLAVES: Estrategia de lectura. Lector Literario. Tale.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1.....	26
FIGURA 2.....	26
FIGURA 3.....	26
FIGURA 4.....	27
FIGURA 5: ESQUEMA DA SD	32
FIGURA 6: RELACIONE A COLUNA DA DIREITA DE ACORDO COM A ESQUERDA	37
Figura 7	40
Figura 8: CARTOGAME.....	42
Figura 9: VERSO DA CARTA.....	21
Figura 10: FRENTE DA CARTA.....	21
Figura 11	54
Figura 12	55
Figura 13	55
Figura 14	55
Figura 15	57
Figura 16.....	57
Figura 17	57
Figura 18.....	58
Figura 19.....	58
Figura 20	58
Figura 21	61
Figura 22	65
Figura 23	66
Figura 24.....	66
Figura 25.....	66
Figura 26.....	67

TABELAS

Tabela 1: TABELA SÍNTESE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	33
Tabela 2: CAÇA-PALAVRAS	36
Tabela 3: TABELA DAS RELAÇÕES POR ALUNO	53
Tabela 4: TABELA DE QUESTÕES POR NÍVEL	63
Tabela 5: TABELA DE RENDIMENTO.....	64

GRÁFICOS

Gráfico 1: IDEB - CEABR	16
Gráfico 2	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	12
1.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA	14
1.2 COMPETÊNCIA LEITORA	17
1.3 EM DEFESA DA LITERATURA	19
1.4 O GÊNERO TEXTUAL E SUA FUNCIONALIDADE	22
2. METODOLOGIA.....	23
2.1. BREVE PANORAMA DA TURMA ALVO DA PESQUISA	24
2.2. ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS.....	28
2.3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	31
3. ANÁLISE DE DADOS	47
3.1 DETALHAMENTO DA ATIVIDADE DIAGNÓSTICA.	49
3.2 DETALHAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	50
3.3 AVALIAÇÃO FORMATIVA.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70
ANEXO	73
APÊNDICE.	98

INTRODUÇÃO

A leitura é uma das competências mais antigas do ser humano. Desde a Pré-história, o homem precisou usar essa competência para sobreviver, se livrar de armadilhas, de animais ferozes e se proteger de fenômenos naturais. E hoje, por vivermos em uma sociedade predominantemente grafocêntrica, a leitura, vista como “uma atividade de produção de sentido” (KOCH, 2007, p.12), é ainda mais uma questão de sobrevivência, é também uma questão de inclusão sociocultural se não for tomada como uma simples atividade de reprodução do código linguístico, mas for:

Tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2017, p. 70)

Essa visão ampliada da leitura deve ser um requisito para estabelecer estratégias de ensino mais interativas e menos conteudistas, pois a interação desperta o sentimento de pertencimento a uma comunidade usuária de um sistema linguístico onde são validados suas crenças, valores e ideologias. Por tal motivo, Coulmas (2014, p.104) afirma que “o **letramento** é um pré-requisito da oportunidade econômica e da plena participação na sociedade.” Aqui, o termo destacado limita-se, de modo levemente aprofundado, ao letramento literário para aguçar mecanismos de compreensão textual, a fim de a escola cumprir com destreza o seu papel primordial que é formar cidadãos críticos e capazes de aplicar todo conhecimento aprendido em favor da sociedade.

Acompanhando esse requisito, é importante salientar que uma leitura onde a interação autor – texto – leitor seja efetivada de fato, requer táticas que partam do micro para o macro desvelar de seus sentidos, isto é, uma compreensão a partir da decodificação do que está dito no texto para uma compreensão interpretativa e construtiva das inúmeras possibilidades de significação da mensagem, já que o texto, visto como um “instrumento por meio do qual os indivíduos criam, mantêm ou subvertem suas estruturas sociais” (WACHOWICZ, 2012, p. 1), reflete as experiências e visões de mundo do seu produtor, mas também constitui um lugar onde experiências próprias podem ser vividas e visões de mundo podem ser partilhadas, refutadas ou petrificadas pelos receptores.

Assim, é papel do professor não apenas mediar saberes, mas sobretudo criar condições que viabilizem o letramento literário, competências leitoras e mecanismos de compreensão textual, pois a função da leitura literária é:

[...] ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. (COSSON, 2016, p. 30)

Diante dessa perspectiva, não se justifica o ensino da língua por ela mesma nem o ensino da literatura pautado nos moldes tradicionais de decoreba de estilos de época e autores, muito menos uma didática de leitura sem que o profissional da educação tenha em mente os objetivos que ele pretende perseguir ao desenvolver atividades didáticas, mas um ensino fundamentado nos pilares da educação e nas competências e habilidades sugeridas pelos referentes teóricos do nosso sistema educativo, os quais postulam as prerrogativas para o ensino de Língua Portuguesa centradas no texto e nas suas instâncias enunciativas. Por isso, o desenvolvimento de mecanismos que aprimorem a compreensão textual em níveis mais avançados, servindo-se da cotextualidade e da contextualidade, ajuda a manter a conexão com os constituintes dessa entidade enunciativa cuja mensagem não está pronta, mas cabe a cada leitor concluí-la.

Assim, objetiva-se de modo geral, primordialmente, aproximar os alunos do 8º ano Ensino Fundamental, do CEABR, localizado em Tobias Barreto – Sergipe, do que temos de melhor em Literatura, fazendo-os se apropriarem desse patrimônio cultural, visto que como veremos mais adiante, o provável lugar em que os alunos tem contato com esse tipo de riqueza cultural é no ambiente escolar. Incentivar o hábito da leitura por meio de um trabalho que considere a bagagem de mundo trazida por cada indivíduo da turma, suas expectativas e anseios ao se permitir sair da comodidade de sua casa para adentrar no universo escolar.

Quanto aos objetivos específicos, almeja-se ampliar as habilidades de leitura, principalmente do texto literário, identificando implícitos e efeitos de sentido intra e extratextuais a fim de estimular o senso crítico a partir das práticas de leitura dos contos escolhidos, bem como os processos de criação de sentido por parte dos leitores. Que eles consigam aprender que o texto literário é um mundo e que através dele nós nos ressignificamos, por isso a sua importância como produção artística e linguística para a cultura de uma nação e o desenvolvimento de uma consciência social.

O trabalho está organizado em quatro partes: I – Pressupostos teóricos; II – Metodologia; III – Análise dos resultados da pesquisa-ação; IV – Considerações finais.

A primeira parte consiste na apresentação dos pressupostos norteadores que embasaram esse trabalho e sobre os quais a pesquisa foi pautada. Dividida em quatro subcapítulos, o primeiro trata das concepções de leitura segundo Koch e Elias (2007), as quais consideram a leitura um processo de interação social, o qual requer a ativação de vários mecanismos cognitivos, linguísticos e culturais para a sua realização. Além disso, as mesmas postulam sobre a importância do estudo do gênero textual, suas especificidades e funcionalidades, como uma atividade comunicativa. O segundo baseia-se nos estudos de Kato (2007) e Solé (1998) acerca das estratégias didáticas e práticas para o desenvolvimento de uma proficiência leitora concernente tanto aos aspectos da leitura quanto à formação do bom leitor. O terceiro parte em defesa da Literatura a partir da abordagem defendida por Cosson (2016) de que é necessário um projeto de intervenção que realoque os estudos literários nas aulas de Língua Portuguesa sem, contudo, atrelá-los apenas ao estudo de épocas. Por último, o quarto subcapítulo se debruça sobre o gênero textual e sua funcionalidade baseado nos paradigmas propostos por Marcuschi (2008, p. 156) que concebe os gêneros textuais como “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem...”

O segundo capítulo discorre sobre a caracterização do contexto escolar e um breve panorama da turma alvo da pesquisa cujo aspecto socioeconômico influencia no sucesso dos estudos. Também trata sobre a metodologia utilizada na investigação dos problemas de leitura e sobre uma provável ação interventiva ante esses problemas inspirada na proposta de Kleiman e Moraes (1999, p. 55) que defendem a aquisição e o desenvolvimento da competência leitora “para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento de alguma outra atividade, conceito, valor, informação” e no modelo de Sequência Didática proposta por Dolz e Scheneuwly (2004). O terceiro capítulo se encarrega da apresentação dos resultados pós ação interventiva e o quarto e último capítulo traz as considerações finais a respeito de todo o estudo levantado e possíveis recomendações para trabalhos futuros, pois a problemática aqui discutida não pretende ser esgotada dada a realidade de cada ambiente escolar, de cada professor e de cada estudante.

Os contos escolhidos para esse trabalho foram “A igreja do Diabo” e “A cartomante”, de Machado de Assis. A princípio, a escolha deu-se por uma questão de afinidade pessoal da professora pesquisadora com o autor supracitado e suas obras, cuja construção de cada história,

criação de cada personagem e as visões de mundo inculcadas em cada parte do texto criaram um fascínio sobre esta leitora que vos fala. Contudo, no presente momento, me debruço sobre algumas obras desse artista com um propósito maior que meu deleite próprio e esse propósito faz com que minha leitura seja mais atenta e criteriosa, pois como afirma Certeau (2014, p. 241) “toda leitura modifica o seu objeto”. Assim, ao ler de modo mais analítico e cuidadoso os contos em questão, todos de Machado de Assis, escolhidos para serem trabalhados no projeto de intervenção, fica evidente a tarefa árdua que terei já que os momentos históricos da escrita dos contos e das leituras dos mesmos são completamente diferentes e influenciam a compreensão leitora.

Além da afinidade pessoal e da sua riqueza literária, outro fator motivador para a escolha dos contos foi a temática desenvolvida em ambos que é pertinente ao contexto de intolerância religiosa muito presente na turma do 8º ano e que ocasiona situações de bullying entre os colegas de classe. Tal cenário muito me inquietou tendo em vista que os alunos são adolescentes ainda em processo de formação física, intelectual, cultural e, obviamente, religiosa, mas cujas atitudes acusativas parecem querer demonstrar que são portadores da verdade absoluta. Não há problema em cada um defender o seu credo, porém que o faça sem precisar diminuir o credo do outro, pois como bem assevera o personagem Diabo, em *A igreja do Diabo*, de Machado de Assis, “E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo”.

Já em *A cartomante*, do mesmo autor, fica evidente a necessidade que o ser humano tem de se apegar a uma crença como quem se apegar a uma fagulha de esperança, de consolação, a um porto seguro, perceptível na fala da personagem Rita, expressa pelo narrador “[...] disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.” No decorrer da trama, contudo, veremos que nem sempre onde depositamos nossa confiança é realmente confiável. Ao intitular sua obra de *A cartomante*, o autor já põe em destaque a personagem sobre o triângulo amoroso entre Vilela, Rita e Camilo, dando ao leitor uma pista quanto ao seu papel na narrativa, pois sua atuação conduziu os outros personagens para um momento trágico e infeliz.

Espera-se que os alunos, devidamente orientados pela professora pesquisadora, tendo lido as já referidas obras na íntegra, possam estabelecer pontos de contato entre ambas e sejam

capazes de desenvolver uma consciência efetivamente crítica para a compreensão da sociedade a qual fazem parte, agindo e reagindo sobre ela, a começar pela sala de aula. Além do mais, o acesso a essa forma de manifestação artística garante aos alunos a ampliação do repertório cultural mediante às intertextualidades, à linguagem, ao léxico e a própria disposição temática.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A falta de leitura é preocupante no Brasil. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, desenvolvida pelo Instituto Pró Livro de fomento à leitura e acesso ao livro, em 2015, o brasileiro lê em média 4,9 livros por ano. Essa pesquisa é uma contribuição do mercado editorial, objetivando novas intervenções para melhorar os indicadores de leitura e acesso ao livro a partir da análise do comportamento leitor dos brasileiros e seus hábitos de leitura. Embora seja uma pesquisa que não considera os tipos de leitura e livros lidos pelos participantes da pesquisa, traz um percentual de leitura muito abaixo do total da população, mas que vem aumentando gradativamente a cada ano devido às políticas públicas de desenvolvimento humano tanto na área econômica quanto da educação. Contudo, ainda de acordo com a pesquisa, há muito o que se fazer para construir um país que ocupe os primeiros lugares quando se avalia educação e desenvolvimento humano e tais feitos perpassam pelo universo da leitura, pois é através dela que conseguimos nos posicionar no mundo e criar condições de distinguir informações e fatos verídicos e relevantes, de opiniões infundadas.

Ainda segundo a pesquisa, essa estatística decorre de inúmeros fatores, dentre os quais se destacam a condição financeira e o nível de escolarização da família do indivíduo, o que significa dizer que quanto mais escolarizada e mais abastada for a família de um estudante mais acesso e facilidade terá com a cultura letrada, com os livros e aquisição de livros, pois é no seio da família que o gosto pela leitura floresce, visto que são os pais os primeiros influenciadores. Contudo, esse não é o retrato da maioria da população brasileira, por isso, a escola é encarregada de desenvolver ou aprimorar tal habilidade, principalmente no tocante à leitura de textos literários. Quanto a essa responsabilidade, os documentos oficiais que regulam a educação no país, nas três esferas administrativas, trazem em seus textos a necessidade de se contemplar, por meio de diferentes letramentos, atividades de leitura capazes de ampliar os usos da língua/linguagens em diferentes contextos e aprimorar o pensamento crítico.

Além disso, ao considerar a interação entre o leitor e o texto uma prática ativa e reflexiva de construção e de reconstrução de sentidos, a Base Nacional Comum Curricular ratifica a importância de se trabalhar com o texto como uma das formas mais efetivas de manifestação da língua, sendo uma das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (Brasil, 2018, p. 84), a fim de elevar o nível de proficiência leitora dos estudantes. Paralelamente, o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Abelardo Barreto do Rosário, em seu plano de ação, concorda que para minimizar a deficiência de leitura de seu público, é necessário redimensionar as práticas pedagógicas trazendo para o espaço da sala de aula os textos que circulam nos contextos sociais dos alunos bem como aqueles menos frequentes, porém necessários para resolver demandas da vida cotidiana e participar do patrimônio cultural do país, tal qual o texto literário.

Para tanto, o profissional da educação deve ter ciência das concepções de leitura que vigoram na comunidade letrada e norteiam a educação do Brasil, objetivando adequar a prática leitora à realidade de seu contexto escolar, à necessidade de seu público e aos objetivos esperados através de práticas diferenciadas de ensino, as quais, nessa etapa do Ensino Fundamental, prezam por ações que garantam a aprendizagem essencial para viver em sociedade e o aprimoramento da competência leitora de diversos gêneros, em diferentes suportes. Para esse aprimoramento, é fundamental a mobilização de professores de áreas distintas, não apenas do professor de língua porque a leitura está presente em todos os setores da nossa existência e sendo a Literatura um mundo de possibilidades, é através dela que adentramos nossa própria vida e compreendemos o mundo a nossa volta.

Ademais, o estudo do gênero textual e sua funcionalidade têm aberto portas voltadas a sanar as lacunas da leitura literária também, embora os resultados ainda sejam tímidos, por isso, partir em defesa da literatura como objeto de apoio à aprendizagem de conhecimentos específicos é tão importante quanto o conhecimento das regras de concordância verbal. Isso porque, segundo a BNCC:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizadas em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes campos de atividade humana. (BRASIL, 2018, p. 65)

Em uma sociedade pós-moderna, cujas demandas exigem sempre uma atualização do conhecimento nos mais diversos campos em que somos chamados a atuar, um leitor incapaz de usar estratégias eficazes para compreender e interpretar os mais variados textos espalhados em sociedade e sua pluralidade cultural não está apto a responder positivamente a essas demandas. Por isso, uma das competências a que a escola deve direcionar os alunos é a do letramento crítico, das práticas leitoras capazes de articular a criticidade por meio da atribuição de sentidos, a fim de saberem e poderem se posicionar em qualquer ambiente em que se encontrarem.

1.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA

Os diferentes enfoques dados ao estudo da linguagem no decorrer dos tempos fizeram surgir várias concepções de leitura a partir do modo como se concebeu a ideia de texto. Num primeiro momento, ele foi visto como um mero produto da língua, o que levou a acreditar na leitura como decifração do código linguístico, utilizando-o apenas para aprender a decodificar o sistema linguístico e os mecanismos que o regem, sem outra finalidade mais prática. Isso culminou também na ideia de leitor como simples reproduzidor de palavras e construções sintáticas, resultando em processos de ensino/aprendizagem mecanicistas.

Essa teoria vigorou por até meados do século XX quando, por volta da década de 70, como elucida Marcuschi (2008, p. 31), emergem os estudos voltados para a linguagem como uma entidade representativa dos anseios, necessidades e experiências do ser humano. Logo no princípio dessa teoria cujo foco centrava-se no autor, o produtor dos enunciados, orais ou escritos, eram vistos como os únicos e principais responsáveis pelas estruturas e escolhas lexicais que materializavam o seu pensamento resultando no texto como o produto dessa materialização e admitindo a leitura como captação das ideias postas no texto, o que levou a uma visão dedutiva no momento de interpretá-lo.

Apesar dessa visão ser um tanto mais completa que a primeira, ainda não era suficiente para dar conta dos vários aspectos constitutivos de uso da língua e, conseqüentemente, de produção e recepção de textos, embora tenham contribuído muito para elevar o nível dos estudos da linguagem ao patamar de Ciência e a uma nova configuração da linguagem. Assim, a partir da década de 70, os estudos linguísticos se debruçam sobre uma nova forma de enxergar os usos da língua que passam a contemplar os aspectos funcionais, situacionais e contextuais da mesma, colaborando para uma relação amigável entre autor, texto e leitor, o que corroborou

para a ideia de texto como um lugar de diálogo entre interlocutores e de leitura como “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH, 2007, p. 11).

É essa concepção que embasa todos os documentos oficiais reguladores do sistema educacional brasileiro e que norteará toda a pesquisa e proposta desenvolvida nesse trabalho. Sobre essa concepção, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 41) postulam que “a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc”. Tais procedimentos são ainda mais requeridos diante do texto literário para uma leitura significativa, a qual consiga explorar ao máximo as potencialidades desse gênero textual. Para tanto, faz-se necessário o uso de estratégias que viabilizem ao leitor ativar esses mecanismos, prática que demanda a mediação de um leitor experiente, que compreenda a leitura do texto literário como um processo de comunicação que demanda análise e exploração dos mais variados aspectos dessa forma singular de linguagem.

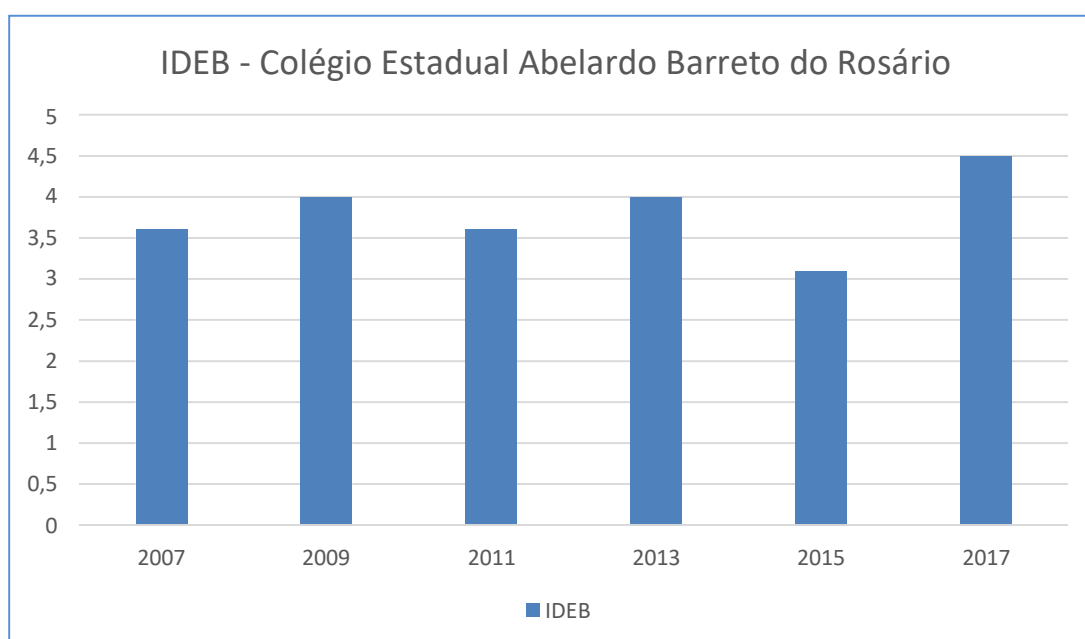
A respeito disso, Cosson (2016) defende que à escola, como instituição dotada de capacidade para legislar sobre o processo de ensino/aprendizagem, compete favorecer e assegurar o efetivo domínio da competência leitora e da necessidade de se realizar um letramento literário que rompa com a suposição de que a arte literária é para simples fruição e por isso cabe tão somente uma leitura simplificada das suas formas variadas de expressão, o que significa reduzir a Literatura a uma visão simplória e sem conhecimento de causa, baseada muitas vezes no senso-comum.

Ainda sobre a necessidade de se desenvolver estratégias que tornem o processo de leitura mais prazeroso e produtivo, Solé (1998) confirma a importância e o foco dos estudos no seu principal agente – o leitor – responsável pelas significações e interpretações do texto. Para ela, é esse agente que, ao ativar seus conhecimentos prévios de mundo, vai edificando aos poucos os níveis de compreensão da leitura e tornando-se mais fluente nessa competência tão complexa e útil à civilização, à humanidade. Sob esse mesmo viés, Kato (2007) entende a leitura como um conjunto de habilidades desenvolvidas ou aprimoradas por meio de estratégias de vários tipos, as quais devem direcionar os esquemas dos leitores para atingir os objetivos pretendidos com a leitura de tal texto. Se os propósitos são desconhecidos ou indefinidos, a probabilidade do processo de leitura ser menos bem-sucedido é maior.

Diante dessa conjectura, é possível entender o insucesso do ensino/aprendizagem de leitura, de literatura e de língua. Se o foco é no sujeito ativo do processo de leitura, considerar os objetivos que influenciam e direcionam essa atividade é tarefa fundamental para se estabelecer propostas contundentes que façam sentido para o aluno e que contemplem a

diversidade de textos que circulam em sociedade, sobretudo os afins, mas também os de caráter mais complexo. No entanto, o que é visto nas escolas são exercícios superficiais que formam certos tipos de “leitores”, capazes de reproduzir todos os códigos constitutivos do texto, mas com grandes dificuldades para compreenderem o que leem, gerando um pensamento empobrecido acerca da leitura e perpetuando os péssimos índices educacionais do país, pois a deficiência leitora se reflete em todas as áreas do conhecimento e se estende a todos os níveis de escolaridade. Prova disso é o IDEB da escola onde a pesquisa foi desenvolvida, o qual tem oscilado bastante desde que foi instituída essa estatística, como atesta o gráfico a seguir.

Gráfico 1: IDEB - CEABR



Fonte: adaptado da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

Esse panorama é fruto de uma pedagogia que ainda insiste em permanecer atrelada aos estudos estruturalistas do século passado, os quais não se preocupavam com uma aprendizagem voltada para o pleno exercício da vida social, mas com o conhecimento como único meio e fim. De tal modo, que é justo dizer que a escola não tem acompanhado o ritmo de seu público alvo conectado com todas as inovações próprias da geração pós-moderna nem com as mudanças pelas quais a sociedade tem passado. Mudanças estas que influenciam modos de vida e visões de mundo e, conseqüentemente, induzem novas propostas didático-pedagógicas para o ensino da leitura.

Relativo a isso, vê-se a necessidade de renovar a cara da educação brasileira sem, contudo, perder de vista a tradição, seus valores e princípios, mas dar mais atenção às exigências

dessa era tecnicista e de informações momentâneas que tem corroborado para uma sociedade de pensamento pouco reflexivo. Por isso, o trabalho de ensino/aprendizagem da leitura por meio de estratégias metodológicas bem orientadas têm ganhado força no meio acadêmico e também nas escolas de ensino básico, com a pretensão de melhorar as práticas didáticas de professores e o desempenho dos estudantes no tocante à competência leitora tanto nas aulas de língua portuguesa quanto nas demais disciplinas, na tentativa de formar leitores proficientes. Sobre isso, Solé considera que:

o leitor seja um processador ativo do texto, e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle desta compreensão – de comprovação de que a compreensão realmente ocorre. (SOLÉ, 1998, p. 24)

Além do mais, os documentos oficiais já desde o final do século passado mencionam em seus textos que a capacidade de leitura deve ser trabalhada desde as séries iniciais com gêneros diferenciados, mas com um mesmo propósito, a proficiência leitora.

Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai ser lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 54)

Nesse sentido, vale ressaltar a importância de se conhecer o objeto do estudo para estabelecer diretrizes que auxiliem os profissionais da educação em busca de saídas mais adequadas, por tal motivo a pertinência de se compreender as várias concepções que giram em torno do processo de leitura do texto literário.

1.2 COMPETÊNCIA LEITORA

Compreendida como o desempenho em desenvolver conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, a competência leitora não é algo que se adquire de uma noite para outra, mas um processo infundável de aprendizagens e descobertas, de mobilizações de conhecimentos prévios adquiridos ao longo das experiências vividas como bem atesta a BNCC, a qual articula

o desenvolvimento de competências às transformações da sociedade. Desse modo, as orientações pedagógicas devem primar pelo desenvolvimento de competências cuja finalidade seja garantir uma aprendizagem efetiva para o pleno exercício da cidadania e para a resolução das demandas da vida pessoal e profissional. Para tanto, o uso de estratégias bem elaboradas e definidas pelo professor ou pela própria instituição de ensino é essencial para o sucesso dessa proposta. Sobre isso, Solé (1998, p. 73) afirma que “o ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender”, ou seja, é preciso um sujeito experiente e um projeto estratégico para subsidiar a aprendizagem dos alunos.

A aprendizagem da leitura também constitui um processo, o qual envolve aspectos cognitivos, responsáveis pelo reconhecimento das relações coesivas entre os elementos formadores do texto, e dos aspectos metacognitivos, responsáveis por autorregular a compreensão textual. Este último aspecto é indispensável na construção dos sentidos propostos em uma leitura, como bem afirma Leffa (1996):

A metacognição na leitura trata do problema do monitoramento da compreensão feito pelo próprio leitor durante o ato da leitura. O leitor, em determinados momentos de sua leitura, volta-se para si mesmo e se concentra não no conteúdo do que está lendo, mas nos processos que conscientemente utiliza para chegar ao conteúdo. A metacognição envolve portanto (a) a habilidade para monitorar a própria compreensão [...] e (b) a habilidade para tomar as medidas adequadas quando a compreensão falha [...] (LEFFA, 1996, p. 46)

Tal como afirma Nascimento (2018, p. 22) “a problemática de leitura dos alunos reside tanto na compreensão (alcance de sentido em marcas textuais explícitas), como na interpretação (buscado sentido para além do texto)”, ou seja, os aspectos cognitivos e metacognitivos não são devidamente acionados pelos aprendizes durante o processo de leitura, ocasionando, por vezes, a falta de interesse e a falta de gosto pelo ato de ler, pois sem a compreensão e sem a interpretação, a leitura torna-se maçante e sem sentido.

Dessa maneira, a partir de estratégias planejadas e focalizadas na competência leitora, com métodos e objetivos bem definidos, aprender a ler torna-se um exercício prazeroso para quem pretende desvendar o mistério das palavras e o mundo existente através de suas construções como também para quem é levado a descortinar esse mundo de possibilidades que a leitura favorece, inclusive a leitura do texto literário, a qual, segundo os Parâmetros

Curriculares Nacionais demandam um nível elevado de conhecimento e reconhecimento das sutilezas próprias da linguagem literária. No entanto, o que acontece na prática é uma transgressão do que consta na teorias que fundamentam e legislam sobre a educação do país tendo em vista que os procedimentos utilizados ainda hoje são arcaicos e norteados por hipóteses que não correspondem mais a realidade dos alunos nem da sociedade, pois embora exista uma certa estratégia de leitura durante as aulas de Língua Portuguesa, as mesmas são usadas inconscientemente, sendo apenas reproduzidas como práticas escolares, sem uma finalidade específica, o que configura em um desfalque na aprendizagem e no déficit de leitores eficientes, como também relega o texto literário para o um plano secundário e não desenvolve as habilidades necessárias para a efetivação do processo leitor.

A respeito dessas habilidades, Kato (2007, 107) elenca cinco habilidades que devem ser enfatizadas numa estratégia usada para desenvolver a competência leitora. São elas:

- a) a de encontrar parcelas (fatias) significativas do texto;
- b) a de estabelecer relações de sentido e de referência entre certas parcelas do texto;
- c) a de estabelecer coerência entre as proposições do texto;
- d) a de avaliar a verossimilhança e a consistência das informações extraídas;
- e) a de inferir o significado e o efeito pretendido pelo autor do texto.

Segundo a autora, as estratégias variam de acordo com os objetivos que buscamos ao nos colocarmos em frente a quaisquer textos, porém as habilidades ativadas tendem a ser as mesmas. Relativo a última habilidade, sua segunda parte não cabe neste projeto de intervenção, visto que o texto literário escapa às pretensões de seu autor e é o diálogo com o leitor que possibilita as inúmeras significações, pois a mobilização das experiências pessoais desse leitor tendem a influenciar a produção de sentido.

Sendo assim, o próximo tópico se encarregará de discorrer sobre a importância dessa arte, cuja matéria-prima é a palavra, com o propósito de levantar uma bandeira em favor da valorização da arte literária por meio de práticas de leitura do gênero conto, pois, é oferecendo materiais de leitura enriquecidos linguisticamente que se formam bons leitores. E o texto literário, dado a sua especificidade, comunga desse status. Com isso, espera-se elevar o estudo da Literatura às práticas da linguagem, mais visibilizadas pelo seu caráter técnico e prático, a fim de intervir com segurança nas necessidades educacionais dos alunos,

1.3 EM DEFESA DA LITERATURA

Além da leitura ser o foco principal desse trabalho, a ênfase dada à Literatura pela escolha do gênero conto visa resgatar o hábito de leitura dessa forma de arte tão escasso em nossa sociedade devido à velocidade da comunicação, fruto do avanço tecnológico e da “modernidade líquida” explicada por Bauman (2001). Sabendo que toda produção artística reflete uma visão de mundo do seu autor e/ou suas experiências é que se justifica a tentativa de aproximação dos discentes com uma das formas de arte mais antigas da humanidade, embora seja sabido também que apenas esse trabalho não é suficiente para resolver a complexa relação entre a Literatura e a sala de aula, espera-se que ao menos os mesmos tenham acesso a essa arte de prestígio social cujo contato, talvez, só seja possível no ambiente escolar.

A priori, faz-se mister atentar para o conceito ou prováveis conceitos a respeito do que seja literatura dado ao fato de que está entrelaçada com a leitura, vista anteriormente, para cumprir neste trabalho o objetivo de promover uma aprendizagem mais significativa ao ensino de Literatura e à proficiência leitora já que um dos resultados almejados dessa aprendizagem é que o aluno tenha “interesse, iniciativa e autonomia para ler, especialmente textos literários e informativos” (BRASIL, 1998, p. 81). Entretanto é perceptível o tratamento indevido atribuído à Literatura visto que sua complexidade assusta até mesmo aos profissionais da área. Tal complexidade se reflete até na hora de tentar definir o que é Literatura.

Segundo Lajolo (1982), toda tentativa de conceituar essa manifestação artística é repleta de verdades suscetíveis de mudança de acordo com as transformações pelas quais a sociedade passa. Sob essa perspectiva, todo conceito acerca do que seja literatura é válido e não pode ser desperdiçado, pois cada um traduz o modo como enxerga e a importância dada a tal arte. Assim, foi escolhido um conceito usado por Lajolo, onde afirma-se que:

[...] a literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem. (LAJOLO, 1982, p. 7)

Tal definição perpassa pela função que essa arte da palavra cumpre, a função de traduzir o homem conforme suas instâncias humanizadoras, cuja instabilidade configura-se um complexo objeto de análise. Talvez por essa maneira singular e original do texto literário é que o trabalho com a linguagem seja tão complexo. E essa maneira original, própria da linguagem literária permeada de polissemia cuja plurissignificação é um espaço propício para a atribuição

de sentidos, é uma excelente ferramenta para desenvolver um trabalho pautado na competência leitora e na compreensão do texto literário.

A concepção apresentada é importante para a construção de um trabalho estratégico e delineado, o qual visa o desenvolvimento de habilidades bem delimitadas, como é o caso da leitura literária proposta nesse trabalho. Além do mais, é uma necessidade humana nomear as coisas a sua volta e conseqüentemente defini-las na tentativa de pertencê-las. Contudo, algumas esferas são difíceis de enquadrar, como por exemplo a arte em discussão, e toda tentativa incorre em um sucesso questionável, porque elas são repletas de lacunas que dificilmente serão preenchidas, tal qual as lacunas da existência da própria humanidade. Por isso, a definição aqui tratada não é fechada e corresponde a uma escolha motivada pela temática defendida.

Levando em conta que a maioria dos alunos não têm o hábito da leitura, muito menos do texto literário, e cujos pais, pouco alfabetizados, não engajam os filhos nesse universo, por inúmeros fatores, é que a escola precisa assumir tal responsabilidade de formar leitores proficientes tanto dos gêneros que circundam seu dia-a-dia quanto daqueles gêneros que provavelmente só é possível num ambiente específico, como é o caso do texto literário cujo acesso é mais reservado ao contexto escolar. Além disso, também deve ser preocupação e responsabilidade da instituição de ensino não privá-los do contato com as formas legitimadas de prestígio social, a saber a Literatura.

Ademais, para além do que os livros didáticos trazem como proposta de leitura, os contos machadianos escolhidos para pautar um trabalho planejado de leitura e compreensão foram selecionados por serem legitimados socialmente e por serem clássicos. E como Ítalo Calvino diz em seu livro, *Por que ler os clássicos* (2007), que um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. E é justamente por saber que eles ainda não disseram tudo, que os mesmos se mostram como novidade, como atualidade que os educandos deverão ser capazes de perceber.

Assim, como afirma Perrone-Moisés (2000) de que a literatura nos possibilita outros universos que não somente o nosso, é que se torna imprescindível um ensino de Literatura mais engajado socialmente, a fim de oportunizar, por meio da leitura, o desenvolvimento de uma consciência crítica frente às necessidades pelas quais a humanidade tem passado, e o resgate de valores que nos tornam humanos e nos diferenciam das máquinas e dos animais irracionais. Assim, espera-se que com uma metodologia mais aplicada seja possível tocar a sensibilidade humana para o universo literário e para toda as oportunidades que ele nos possibilita.

1.4 O GÊNERO TEXTUAL E SUA FUNCIONALIDADE

O estudo dos gêneros textuais remonta a Antiguidade Clássica, na era de Platão e de Aristóteles, porém voltado exclusivamente para os gêneros literários. Com o passar do tempo, esse estudo foi ganhando espaço e hoje é pauta de discussão em praticamente todos os ambientes; sua proliferação foi tão rápida que o sucesso foi inevitável e a discussão sobre os gêneros textuais ganhou um espaço de privilégio nos estudos linguísticos, mas voltado para as questões da análise do discurso. No entanto, nos restringiremos ao estudo do gênero textual literário, mais especificamente o conto, para tratarmos dos mecanismos de compreensão leitora a partir de práticas de leitura de contos escolhidos.

Embora haja essa divergência de visões acerca do gênero textual, Marcuschi (2008) considera que ambas são constituídas pelo mesmo paradigma, o que os diferenciam é a perspectiva adotada para analisá-lo. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que os variados textos espalhados em sociedade seguem um paradigma e cumprem com um propósito particular, característico de cada um, mas comungam de mesma base, as funções sociocomunicativas. Nesse sentido, o texto literário também se enquadra a essa proposta, pois é rico em material discursivo. E justamente por essa característica justifica-se a escolha do gênero conto para trabalhar a questão da proficiência leitora.

Vistos como a materialização dos discursos, segundo Dionísio, Machado e Bezerra (2002, p. 19) os gêneros textuais “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social”. Assim, são repletos de material significativo e espelham as características da época em que foram produzidos e do lugar de fala de onde foram proferidos, orais ou escritos. Ainda sob essa ótica, os sujeitos falantes produzem a todo momento discursos em forma de gêneros e é uma atividade tão natural que ninguém percebe que ajusta a própria fala discursiva ao contexto, ao gênero textual.

Nesse sentido, é necessário considerar os gêneros textuais de acordo com a realidade social e com as atividades humanas, pois estas são fatores preponderantes para a dinamicidade dos gêneros. O que significa falar que, apesar de possuírem uma estrutura pré-definida e uma funcionalidade específica, eles se corporificam dentro dos limites do contexto social e humano em que podem assumir o caráter dinâmico ou rígido. Citando Marcuschi (2008, p. 159) “Os

gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável” que chega a ser árdua a tentativa de listá-los.

Entretanto, os estudos a respeito dos gêneros textuais e sua admissão às aulas de língua portuguesa nada tem a ver com classificação e tipologia dos gêneros, mas com sua circulação no meio social e função que ele cumpre nesse mesmo meio. Por isso, os PCNs postulam que “a diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno” (BRASIL, 1998, p. 28). Sob esse aspecto, o gênero conto corresponde ao esperado para uma turma de alunos cujo nível de leitura é baixo, como atesta o questionário sociocultural apresentado logo a seguir.

Por pertencer ao tipo textual narrativo, adequado a idade/série dos alunos e por fazer parte do universo literário é que o conto cuja estrutura é mais concisa facilita o desenrolar de uma didática que viabilize a relação entre leitor e literatura, tendo em vista que os alunos alvos dessa pesquisa demonstraram não gostarem de ler textos longos. E para romper com essa falta de leitura e estranhamento com o texto literário, é que Dionísio, Machado e Bezerra (2002, p. 32) infere “um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão”.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através do conceito de pesquisa-ação educacional postulado por Tripp (2005) que a define como um instrumento de investigação e aprimoramento do ensino e da aprendizagem. Ou seja, o pesquisador não apenas se ocupa em coletar dados e discorrer sobre eles, mas, principalmente, torna-se responsável por mediar as transformações dentro do processo de ensino-aprendizagem:

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos (TRIPP, 2005, p. 445)

Trata-se de um tipo de pesquisa que age no campo da prática ao mesmo tempo que investiga sobre ela. E nesse percurso finda-se “aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (TRIPP, 2005, p. 446). Nesse aspecto, tem-

se uma característica fundamental, a cooperação e a colaboração de todos os envolvidos, os quais devem estar dispostos a ensinar e a aprender; a cooperar para que se possa ensinar e a colaborar para que se possa aprender, em ambos os lados: tanto o pesquisador quanto os pesquisados.

Seguindo o ciclo da pesquisa-ação, que começa pelo reconhecimento, passa pela observação monitorada da situação atual, em seguida “interpreta e avalia os resultados a fim de planejar uma mudança adequada da prática” (TRIPP, 2005, p. 453), o presente capítulo se encarrega de descrever cada uma das etapas supracitadas, com a finalidade de gerar conhecimento baseado na prática e sobre a qual igualmente se intervirá. Portanto, trata-se uma pesquisa de natureza intervencionista e aplicada, visto que a mesma age por e sobre ela mesma.

2.1. BREVE PANORAMA DA TURMA ALVO DA PESQUISA

A pertinência desse trabalho parte da necessidade de se criar ou aprimorar as habilidades leitoras de alunos do 8º ano B do ensino fundamental maior, da Escola Estadual Abelardo Barreto do Rosário, situada no centro da cidade de Tobias Barreto. A turma em questão estuda no turno vespertino, é composta, em sua maioria, por alunos com distorção idade/série o que gera uma apatia a todos os trabalhos propostos, reforçando a ideia de aluno problemático e desinteressado por parte de alguns professores, e cujos pais se encarregam apenas de obrigar o filho a ir para a escola, motivados por questões financeiras ou judiciais, mas pouco preocupados com o ato de estudar, com o ser estudante. Tal atitude se reflete na indisciplina dos meninos em sala de aula e no mau desempenho dos mesmos em todas as disciplinas, como atesta o Projeto Político Pedagógico da Escola, (2017, p.14), “Muitos dos pais não têm um grau de escolaridade elevado e, com isso, não têm subsídios para o acompanhamento dos estudos de seus filhos, o que torna, em parte, o rendimento escolar aquém”.

Esse rendimento aquém é consequência também da pouca prática de leitura exercida pelos estudantes, o que não favorece o desenvolvimento das aptidões cognitivas responsáveis pelo processo de aprendizagem nem das habilidades metacognitivas que tornam um indivíduo protagonista de seu próprio saber. Em um questionário socioavaliativo (em anexo) aplicado em sala com 30 alunos, foi perceptível o quanto a leitura ainda é um dilema, visto que noventa por cento da turma não possui o hábito de leitura, principalmente a leitura do texto literário, como pode ser observado no gráfico abaixo.

Gráfico 2: Hábito de leitura



Fonte: de própria autoria

Como pode ser visto, são poucos os alunos que leem com certa frequência e é ainda menor o número dos que leem algum livro completo, pois dos 10% que dizem gostar de ler, 3% leem com regularidade apenas trechos do texto bíblico por questões religiosas, já que a maioria da turma é formada por evangélicos de diversas congregações. Tanto o questionário socioavaliativo mostra o déficit da competência leitora nos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Abelardo Barreto do Rosário, quanto o próprio Projeto Político Pedagógico dessa mesma instituição enfatiza a necessidade de um plano para sanar tal carência. Contudo, o referido documento da escola traz como possível solução para esse impasse o Projeto do Sarau Literário, o qual visa aproximar os discentes do gênero literário, mas, infelizmente, não tem como foco o desenvolvimento da competência leitora, tornando-se um projeto incipiente e insuficiente para resolver tal problemática.

Ainda sobre o questionário socioavaliativo, aqueles que afirmaram não gostarem de ler, mais da metade da turma, também confirmaram que seus pais não leem, alguns por serem analfabetos outros por não terem o hábito também, no entanto alguns destes pais orientam os filhos a ler, porém sem sucesso, e os demais não se preocupam com o desenvolvimento dessa competência, haja vista desconhecerem a importância de tal habilidade para a vida em sociedade. Acerca disso, Alessandra Nascimento (2018, p. 45) descreveu em seu relatório de pesquisa do PROFLETRAS que “Sobre os parentes que costumam ler atualmente, esses se concentram em ler a Bíblia, textos instrucionais como bula e receitas ou textos da internet e redes sociais”, fato que comprova a influência da religião, não apenas na turma alvo desta pesquisa, mais também em boa parte do alunado da escola em questão. As imagens a seguir são algumas das respostas dadas ao questionário por alguns alunos. Ante a cada resposta, urge a

necessidade de se propor um projeto de intervenção que cuide com mais destreza de desenvolver essa aptidão.

Figura 1

Que tipos de livros você mais curte?
 Nenhum, não tenho hábito de ler
 apesar de minha mãe querer que eu leia
 Você costuma ler quantos livros por ano? E seus pais?
 Nenhum, só 1 por ano
 Você já pensou em escrever um livro alguma vez? Sobre o que escreveria?
 Não.

Figura 2

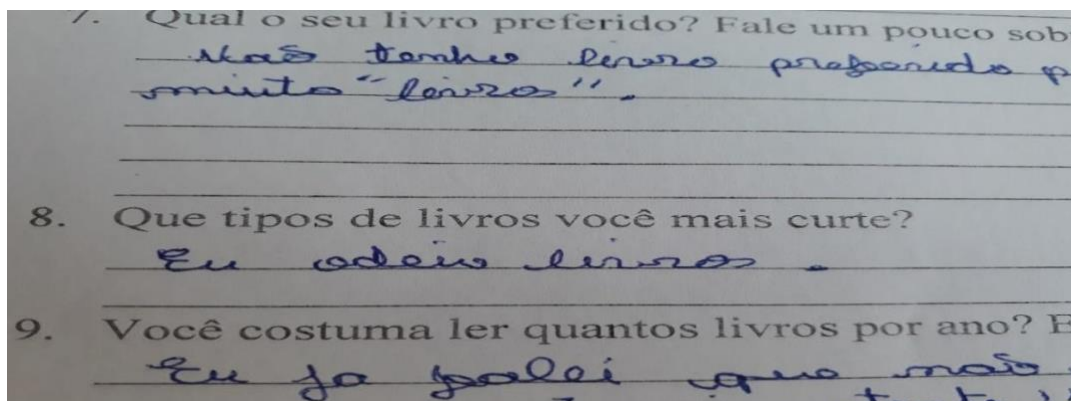
Qual o seu livro preferido? Fale um pouco sobre ele.
 O titlho ele é muito atual e ele brinca
 um lugar lindo
 8. Que tipos de livros você mais curte?
 Nenhum prefiro filme mas gosto
 9. Você costuma ler quantos livros por ano? E seus pais?
 Não, não e não presta atenção no meu livro
 10. Você já pensou em escrever um livro alguma vez? Sobre o que escreve
 Não

Figura 3

7. Qual o seu livro preferido? Fale um pouco sobre ele.
 Nenhum
 8. Que tipos de livros você mais curte?
 Nenhum
 9. Você costuma ler quantos livros por ano? E seus pais?
 Nenhum eu prefiro assistir aqueles vídeos que as pessoas
 falam etc...
 10. Você já pensou em escrever um livro alguma vez? Sobre o que escreveria?
 Nenhum, eu escreveria sobre Heróis ou paradas mitológicas

Obrigado

Figura 4



As imagens são apenas alguns exemplos retirados do questionário socioavaliativo que exemplificam a pouca familiaridade dos alunos com a leitura. No questionário as perguntas se referem sempre a livros completos, todavia, textos mais curtos como contos também não são bem quistos pela turma que se preocupa demais com a extensão do texto proposto em sala de aula, chegando a reclamar do texto Asclépio, de Heloisa Prieto, por ser mais extenso que os contos habituais a que estavam acostumados. Nesse sentido, pensando no aprimoramento da competência leitora e nos mecanismos de compreensão, é que o próximo passo para entender essa deficiência de leitura e agir sobre ela representa a prova diagnóstica de que não compreender o que se lê também é um fator motivador para não gostar da leitura.

Essa avaliação diagnóstica corresponde ao passo inicial e decisivo para que ocorra uma intervenção na aprendizagem de determinado componente curricular com o objetivo de “apreciar os progressos e os trabalhos dos alunos”, como considera Perrenoud (1998). Ainda segundo este autor, considera-se a atividade descrita a seguir como uma das etapas do que ele chama de “avaliação formativa”, uma prática de avaliação continuada e processual, a qual visa contribuir para melhorar os níveis de aprendizagem dos alunos e também as práticas pedagógicas. Diferente da avaliação tradicional que se encarrega tão somente de nivelar os desempenhos dos aprendizes, a avaliação formativa recai também sobre a prática docente porque exige desta um monitoramento sistemático do processo de ensino-aprendizagem:

A ideia de avaliação formativa sistematiza o funcionamento, levando o professor a observar mais metodicamente os alunos, a compreender melhor seus funcionamentos, de modo a ajustar de maneira mais sistemática e individualizada suas intervenções pedagógicas e as situações didáticas que propõe, tudo isso na expectativa de otimizar as aprendizagens: (PERRENOUD, 1998, p. 4)

Como o presente trabalho de intervenção objetiva aguçar mecanismos de compreensão leitora, isto é, visa auxiliar os discentes a desenvolverem suas estratégias de leitura para compreenderem o que leem, a avaliação formativa defendida por Perrenoud (1998) coloca-se como uma ferramenta adequada aos objetivos aqui pretendidos e comunga com o ideal humanizador próprio do texto literário, o qual também constitui o objeto de estudo desse trabalho. Isso porque esse processo de avaliação é constituído pela “regulação contínua” da aprendizagem que determina o seu sucesso: “[...] *o sucesso das aprendizagens se passa na regulação contínua e na correção dos erros, muito mais do que no gênio do método.*” (PERRENOUD, 1998, p. 6)

Paralelamente às ideias defendidas por Perrenoud (1998), Lukesi (2000) também considera a avaliação uma ferramenta útil e necessária à aprendizagem, porém sem o caráter nivelador e excludente a que a escola está acostumada. Para Lukesi (2000, p. 1) “avaliar um educando implica, antes de mais nada, acolhê-lo no seu ser e no seu modo de ser, como está, para, a partir daí, decidi o que fazer”. Assim, a atividade diagnóstica abaixo descrita apresenta-se coerente e favorável com esse trabalho de intervenção (através do qual busca-se obter o melhor resultado possível, ainda que este não seja o mais satisfatório), pois é por meio dos dados constatados nela que se encontra “base material” para intervir onde é necessário.

2.2. ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS

No caso da disciplina de Língua Portuguesa, o mau desempenho dos alunos perpassa por questões básicas, habilidades e competências que deveriam ter sido desenvolvidas nas séries anteriores, como a compreensão de um texto, mesmo em seu nível superficial, os efeitos de sentido a partir do uso dos variados recursos linguísticos disponibilizados pela Língua, os quais estão descritos na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), mas que não foram privilegiados, tendo em vista a dificuldade de compreensão percebida durante a leitura do conto **O Homem Que Espalhou o Deserto**, de Ignácio de Loyola Brandão (em Anexo), em que os discentes não foram capazes de mobilizar conhecimentos prévios nem habilidades multissemióticas¹ para responder aos seguintes questionamentos:

1. Por que os técnicos foram trazidos de Israel?

¹ Termo recorrente na BNCC para designar a mobilização de vários recursos constitutivos à organização dos signos e sua significação.

2. Por que motivo a solução dada pelos israelitas provavelmente não acabará com o problema da desertificação?

O texto foi entregue aos alunos sem apresentação nem análise prévia, para que fizessem leitura silenciosa e depois respondessem a um exercício composto por dez questões discursivas sem que houvesse a interferência da professora pesquisadora. Após transcorridos vinte minutos foi feita a correção oral das questões respondidas momento em que ficou claro que perguntas mais objetivas, que não demandavam um nível de compreensão mais aprofundado do texto, eram respondidas mais acertadamente, enquanto aquelas que exigiam mais aprofundamento na leitura do texto foram deixadas em branco, como foi o caso das duas questões expostas no parágrafo anterior e cuja análise se apresenta no parágrafo a seguir.

Relativo ao primeiro questionamento, esperava-se que os alunos recorressem aos conhecimentos de geografia para depreender que Israel é um país asiático que sofre com os escassos recursos hídricos e terra árida, todavia possui um elevado Índice de Desenvolvimento Humano. Já sobre o segundo, a resposta estava posta no próprio texto, pois, “E enquanto as árvores eram plantadas, o homem do machado ensinava ao filho sua profissão”. O resultado insatisfatório dessa atividade mostrou que um simples problema de leitura qualitativa – “aquela em que o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto” (BRASIL, 1998, p. 69) - cria um entrave à progressão dos conteúdos programáticos para aquela série e, conseqüentemente, ao bom desempenho do processo de ensino-aprendizagem em todas as áreas do conhecimento.

Após essa atividade diagnóstica, um outro texto foi levado à turma a fim de averiguar os resultados de algumas estratégias básicas como a apresentação e o estudo do gênero. Assim, foi dado à turma o texto **O milagre**, de Stanislaw Ponte Preta. Porém, antes de ser entregue, a professora pesquisadora trabalhou com a turma o conceito de conto literário e suas características básicas bem como sua funcionalidade para a arte literária. Após essa aula sobre o gênero em pauta, a professora pesquisadora pediu que cada um falasse em bom tom o que era um milagre para si dando um exemplo. As respostas foram várias e todos se animaram em participar, principalmente quando era para dar o exemplo, o melhor de todos foi quando o aluno disse que milagre para ele foi quando ele perdeu cem reais na feira e alguém encontrou e devolveu. Mas além desse, vários alunos fizeram menção aos milagres bíblicos realizados por Jesus. Aproveitando essa oportunidade, adentramos um pouco no assunto milagre para as

religiões e os frutos advindos por intermédio dos santos milagreiros para os quais o povo costuma fazer romarias, peregrinações, promessas etc.

Em seguida, o texto de Stanislaw foi entregue aos alunos sem o desfecho a fim de que eles pudessem notar a falta dessa parte importante do gênero e também da narrativa. Mas poucos notaram e a professora pesquisadora teve que intervir pedindo que escrevessem um final imaginário para aquela história. Assim o fizeram e depois todos socializaram suas criações. Ao final da aula, a professora distribuiu novamente o mesmo texto, agora completo, para que pudessem ler e responder as dez questões do exercício proposto. A atividade desse texto foi bem mais bem-sucedida que a do texto anterior, embora ainda tenha tido algumas lacunas a serem preenchidas como a resposta ao questionamento acerca da crença inabalável em milagres.

1. Por que as pessoas tendem a acreditar com fé em milagres?

Apesar da resposta estar praticamente pronta no primeiro parágrafo do conto, apenas dois alunos se permitiram voltar ao início do conto para encontrar a resposta, os demais discorreram sobre suposições baseadas em seus conhecimentos prévios de que elas acreditavam no milagre porque o vigário era bonzinho, era do bem, e se em vida ajudava as pessoas, ao lado de Deus provavelmente ajudaria mais. A resposta não estava incorreta, esses alunos olharam a questão por um ângulo diferente do que se esperava, uma vez que “os múltiplos significados que um único texto pode ter não resulta do próprio texto em si, mas de vários pontos de vistas empregados na leitura desse texto” (GERALDI, 2012, p. 108). Fato que surpreendeu a todos, pois superou as expectativas.

Essa mudança no tratamento da leitura em sala de aula conduziu a uma interpretação de que uma leitura trabalhada do texto resulta em uma condição melhor de aprendizagem que apenas as práticas corriqueiras de leitura a que os professores de Língua Portuguesa estão habituados a fazerem. Que o trabalho envolvendo a leitura e sua compreensão não deve se restringir a somente levar o texto, os gêneros textuais para as aulas de português, é preciso que seja um trabalho conduzido, orientado por um leitor maduro que com sua experiência prática moldará planos e estratégias que possibilitem ao leitor iniciante condições favoráveis ao desenvolvimento da competência leitora. Estratégias que priorizem trabalhar o texto e não apenas decifrá-lo. E no tocante ao texto literário “o ensino da literatura seria uma alternativa enriquecedora das experiências mais comuns do aluno. Teria um papel formador e não apenas informativo” (GERALDI, 2012, p. 30).

Nesse sentido, a pesquisa-ação aqui desenvolvida objetiva contribuir para que os alunos adquiram a habilidade de construir sentidos no processo de leitura a partir de mecanismos de compreensão advindos de práticas pedagógicas mais efetivas, que os tornem leitores ativos, responsáveis pelas diversas significações inerentes ao texto. Assim, uma estratégia de leitura de qualquer texto requer que o professor, como mediador, trace objetivos claros e específicos para o desenvolvimento dessa habilidade, que segundo LEFFA (1996, p. 17) “é um processo feito de múltiplos processos, que ocorrem tanto simultânea quanto sequencialmente”, por isso, é importante que o aluno conheça o gênero sobre o qual está sendo feita a leitura, sua importância e circulação na sociedade, conhecer as palavras e as estruturas linguísticas que o compõe e o diferenciam dos demais gêneros, compreender as escolhas lexicais e sua influência ante o contexto social de sua produção, bem como abrir espaço para ouvir as interpretações dos alunos e as experiências que o texto possibilitou a cada um ter. Desse modo, só fazer uma leitura para cumprir tabela, sem objetivos bem definidos, não corrobora para uma efetiva proficiência leitora. Portanto, para uma aprendizagem significativa é que foi pensada a Sequência Didática a seguir.

2.3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Os resultados das atividades anteriores conduziram à didática de um trabalho voltado para o desenvolvimento de estratégias que aproximassem os alunos do universo da leitura de textos artístico-literários, já que pelo contexto social das suas famílias – pouca escolaridade, poucas condições financeiras...- pode-se inferir que o único contato com esse tipo de leitura é geralmente no ambiente escolar e, como afirma Cosson (2016, p.23), “[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.” Assim, é a instituição educacional que precisa garantir o desenrolar dessa competência leitora através de mecanismos que contemplem a proficiência de leitura do gênero literário, qualquer que seja ele, pois é um dever da escola e um direito do aluno ter acesso à cultura letrada e “[...] a literatura é uma forma privilegiada de linguagem” (ROJO, 2000, p.19), logo, nada mais justo que unir o útil ao agradável.

Portanto, a estratégia escolhida para desenvolver a proficiência de leitura do gênero literário foi uma sequência didática básica, de acordo com o proposto por Cosson (2016), já que essa estratégia nasceu da necessidade de proporcionar ao seu público um ambiente favorável

ao hábito da leitura, às expressões culturais e literárias e à troca de conhecimentos, além de uma aproximação com a forma de arte mais antiga da sociedade. Dessa forma, a escolha do modelo de sequência adotado é justificada por a mesma corresponder aos objetivos e às expectativas traçadas para a turma em questão e está pautada em modelos de ensino atualizados e que dialogam com os documentos que regem a educação básica. Com isso, espera-se que essa prática oportunize aos discentes o desenvolvimento de experiências de leitura e interpretação e socialização dos saberes, a fim de enriquecer as aulas de Língua Portuguesa e romper com a ideia de que Literatura seja de difícil compreensão ou um assunto monótono.

Para compor essa sequência didática foram escolhidos dois contos do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis – **A igreja do Diabo** e **A cartomante** - presentes na seção Anexos desse trabalho. São contos interessantes, que chamam a atenção pela forma convidativa à reflexão acerca de ideias cujas discussões ainda não foram esgotadas, mesmo em pleno século XXI. Embora a turma seja composta por adolescentes entre 12 e 15 anos, os contos escolhidos são apropriados à aplicação de um trabalho sistemático onde os discentes contarão com uma didática orientada e colaborativa. Esses contos serão contemplados em quatro módulos, inspirados na proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e estruturadas de acordo com a estrutura de Sequência Didática Básica proposta por COSSON, (2016).

Figura 5



Esquema de SD: elaboração de autoria da pesquisadora

Pertinente ao esquema apresentado e a estratégia proposta por Cosson (2016), a sequência didática foi organizada em quatro módulos e um questionário final objetivando o aprimoramento da competência leitora através de mecanismos de compreensão, os quais serão trabalhados dentro dessa sequência didática por meio da leitura orientada, do trabalho com a análise linguística e textual e da análise dos efeitos de sentido produzidos por tais recursos e dos possíveis significados oriundos de uma leitura qualitativa dos contos. Ao final espera-se

que os discentes tenham compreendido a pertinência da leitura e do texto literário para a cultura letrada e a importância dessa cultura para uma inserção social significativa. Assim, a fim de confirmar os resultados obtidos através desse estudo, os alunos deverão ao final dessa experiência ser capazes de responder as questões revelando os pontos em comum entre os dois contos machadianos. Todas as etapas dessa sequência didática estão descritas abaixo e resumidas no Quadro Síntese a seguir.

Tabela 1: TABELA SÍNTESE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA/DATA	ETAPA	PROCEDIMENTO/ DURAÇÃO	RECURSOS
AULA 1 12/09/2019	INÍCIO	✓ Breve esclarecimento sobre a pesquisa, sobre o gênero conto e sobre Machado de Assis. ✓ 50MIN.	DATASHOW SLIDE VOZ
AULA 2 12/09/2019	MOTIVAÇÃO	✓ Assisti ao trailer do filme A igreja do Diabo. ✓ Encontrar os fundamentos da igreja do Diabo, no palavras-cruzadas. ✓ 50MIN	DATASHOW VÍDEO CÓPIAS DO PALAVRAS- CRUZADAS
AULA 3 13/09/2019	O PRAZER DA LEITURA	✓ Leitura integral do conto A igreja do Diabo; ✓ Investigando palavras ✓ Vídeo Deus e o Diabo na Bahia; ✓ 1H e 40MIN.	CÓPIAS DO CONTO DATASHOW VÍDEO
AULA 4 03/10/2019	APRESENTAÇÕES	✓ Teatro elaborado e executado por equipe ✓ 1H e 40MIN.	-
AULA 5 04/10/2019	DESCOBRINDO O CONTO	✓ Dicas orais para descoberta do título e da trama; ✓ 50MIN.	PISTAS
AULA 6 04/10/2019	LEITURA E ESTUDO DO CONTO	✓ Leitura integral e dinâmica do conto A Cartomante; ✓ 50MIN.	CÓPIAS DO CONTO

AULA 7 10/10/2019	CARTOGAME	✓ Jogo de cartas com perguntas diversas sobre o conto ✓ 1H e 50MIN	CARTAZ CONTENDO AS REGRAS DO JOGO CARTAS DADO
----------------------	-----------	---	--

Fonte: elaboração de autoria da pesquisadora

Aula 1 - Início

Anterior a aplicação da SD, foi feito todo o processo de diagnóstico do problema mencionado e descrito no capítulo 2.2. O próximo passo correspondeu ao início da SD onde foram trabalhadas as características e funcionalidades do gênero conto, do que é Literatura e um pouco do autor cujas obras fazem parte desse trabalho. As questões estruturais do gênero em questão não foram aprofundadas, tendo em vista que o objetivo principal desse projeto de intervenção é o desenvolvimento de uma proficiência leitora, por isso, foi estabelecida apenas uma aula, de 50 minutos, para discorrer sobre tais assuntos. Nesse primeiro momento da sequência didática, fez-se pertinente deixar claro para os alunos sobre as pretensões do trabalho, inclusive que ele será parte fundamental para a obtenção do título de mestre desta que vos fala. Como os educandos são parte importante deste projeto, é de bom tom tratá-los com respeito, deixando-os à par de todos os objetivos que circundam e fundamentam a didática.

Após esse esclarecimento, frisou-se sobre o gênero escolhido – conto tradicional – como uma forma de aproximar e aprofundar o aluno no universo literário, o qual é rico de possibilidades de sentido, apresentando as características que fazem do texto estudado um conto tradicional, tendo em vista que, de acordo com sua configuração, ele pode ter outras classificações (miniconto, conto maravilhoso/fantástico...). Sobre isso GOTLIB (1999, p. 17) afirma que “O que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos. O que houve na sua “história” foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura [...]”. No que diz respeito a estas características, podemos destacar: estrutura baseada nos quatro componentes tradicionais (apresentação, complicação, clímax e desfecho), os quais se mantêm fechados, sem desdobramentos variados; narrativa condensada; personagens centrais.

E já que falamos em conto, nada mais justo que evidenciar um contista, escritor e literário brasileiro cujas produções, do século XIX, ainda são objetos de estudo e admiração

daqueles que se preocupam com a qualidade de suas leituras. Levar Machado de Assis para a sala de aula não é tarefa fácil, pois a linguagem e a dinâmica de seus textos exigem um trabalho mais cauteloso, desde a recepção por aqueles que o lerão até o momento da leitura reflexiva. Por isso, explicar os costumes da época e as visões de mundo do autor pode favorecer uma receptividade melhor e um debruçar-se sobre a obra com mais entusiasmo.

Todos esses aspectos foram apresentados mediante exposição oral através de um slide elaborado pela professora pesquisadora.

Aula 2 – Motivação

Como se trata de um trabalho organizado em torno da leitura dos contos já mencionados com vistas a minimizar a precariedade de compreensão dos alunos, cada etapa tem a preocupação de dar uma nova roupagem à leitura na sala de aula, com o intuito de favorecer uma recepção menos desmotivado dos textos. Nesse aspecto, COSSON (2016, p. 54) evidencia que, “Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica de letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto.” Isto é, preparar o ‘ânimo’ do aluno para sair do tradicionalismo e da passividade, prepará-lo para o protagonismo como leitor.

Com o objetivo de motivar os alunos para a leitura do texto literário sem que este seja visto como algo ultrapassado e para dinamizar a aula fazendo-os se envolverem mais ativamente do projeto, fez-se uso de um vídeo, trailer do filme brasileiro A Comédia Divina, inspirado no conto A igreja do diabo, de Machado de Assis. Trata-se de um vídeo curto, de aproximadamente dois minutos, mas que sintetiza de uma forma humorística a ideia do diabo de erguer uma igreja na Terra. O trailer se encontra disponível na internet por meio do endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=x7Cyb3Hda1E>.

Após a exibição do vídeo, vale levá-los a imaginar quais seriam os princípios dessa igreja diabólica. O que seria permitido na igreja do Diabo e o que seria proibido? Para tanto, foi elaborado um caça-palavras contendo alguns prováveis fundamentos, os quais também aparecem no conto a ser estudado como características de atos permitidos e praticados pelos personagens adeptos da igreja diabólica. Tais fundamentos também se confundem com os pecados capitais instituídos pelo cristianismo, nesse aspecto, espera-se que os alunos estabeleçam essa relação a fim de encontrar mais rapidamente os fundamentos no caça-palavras.

Tabela 2: CAÇA-PALAVRAS

H	Z	D	R	E	F	C	W	J	L
N	I	M	H	G	T	I	X	U	A
B	V	P	U	S	O	K	Y	Q	Z
N	P	Q	O	R	S	T	U	V	X
M	L	K	J	C	I	H	G	F	E
C	L	U	X	Ú	R	I	A	D	V
B	A	Z	A	B	C	I	D	F	A
N	M	L	K	J	I	H	S	G	I
O	P	Q	R	S	T	U	O	I	D
G	U	L	A	Y	W	X	B	V	A
Z	J	K	L	M	N	O	E	P	D
Y	W	X	V	U	T	S	R	Q	E
Z	A	P	B	C	D	E	B	F	G
O	N	M	R	L	K	J	A	I	H
I	P	Q	R	E	S	T	U	V	X
N	R	T	N	H	G	D	B	A	Z
V	C	A	O	M	R	U	Q	U	B
E	M	T	D	F	V	L	I	K	P
J	P	B	W	Q	K	G	N	Ç	S
A	V	A	R	E	Z	A	X	C	A

Fonte: elaboração de autoria própria

Aula 3 – O prazer da leitura

A turma onde se realizou a pesquisa é composta por adolescentes entre 14 e 17 anos que, embora não tenham maturidade suficiente para refletir sobre o mundo, são muito donos de si mesmos, têm consciência de seus gostos e preferências. Segundo Zilberman (2005, p. 64), “a compreensão e o posicionamento diante das necessidades dos alunos devem presidir a escolha dos textos e a leitura deles, pois elas assumem a condição de critérios a orientar a análise e recepção das obras”. Seguindo esse pensamento de Zilberman e de acordo com os objetivos

pretendidos, é que elegemos o conto A igreja do Diabo para um primeiro contato com a literatura clássica, já que a maioria dos alunos pertencem a diversas congregações religiosas e muitas vezes faltam com o respeito à liberdade de credo.

A leitura foi feita integralmente e de forma dinâmica, pois os alunos se dispersam durante a leitura silenciosa. A professora fez o papel do narrador e dois alunos, o papel de Deus e do Diabo. É importante que as palavras desconhecidas pelos alunos sejam destacadas por eles, a fim de ao término da leitura explorarmos todos os aspectos que perfazem o texto literário para facilitar uma compreensão da atemporalidade de Machado de Assis. Assim, após os meninos terem sinalizado as palavras desconhecidas, que por sinal foram muitas, algumas foram selecionadas para que, pelo emprego da palavra no contexto da narrativa e através de seus conhecimentos prévios, pudessem relacionar com os significados postos, desse modo:

Figura 6: Relacione a coluna da direita de acordo com a esquerda.

1. Cânones	() Conjunto de normas e regras consideradas como referências
2. Remanescentes	() Gentileza, favor
3. Obséquios	() Sereno
4. Breviário	() Atitude de menosprezo, zombaria e provocação
5. Prédicas	() Ódio pela humanidade
6. Varonil	() Resto
7. Remate	() Livro que reúne os ofícios que os sacerdotes rezam
8. Escárnio	() Arte de argumentar bem, arte da palavra
9. Retórico	() Sermões
10. Placidez	() Homem másculo
11. Misantropia	() Último retoque

Fonte: elaboração de autoria própria

Após esse trabalho com a linguagem, de reconhecimento de palavras e sentidos, foi dado espaço para que os discentes pudessem expor suas impressões sobre a obra, tanto do ponto de vista temático quanto da arte da palavra, pois como pondera Roiphe (2017, p. 221) “[...] uma obra literária não depende apenas de inspiração para que seja criada, mas também da técnica, que pode ser aprendida, desenvolvida, reinventada e renovada.” Ou seja, sendo a palavra a matéria-prima da Literatura, o tratamento dado a mesma corresponderá à “maestria técnica”, a qual, segundo Roiphe (2017), é um dos aspectos constitutivos do que se firmou cânone literário.

Em seguida foram exibidos alguns trechos do documentário Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia (<https://www.youtube.com/watch?v=Ogeu3U0SAms>), o qual nos abriu um leque de possibilidades para várias discussões, interpretações e análises, pois a peça teatral foi inspirada na obra machadiana em estudo, a qual já era do conhecimento dos alunos. No documentário, o diretor deixa claro em sua fala a finalidade da peça, o porquê da escolha do conto de Machado de Assis e a forma como os personagens foram recriados, lançando para o leitor a responsabilidade por julgar cada um dos personagens como também a peça completa. Por se tratar de uma releitura do conto A igreja do Diabo, houve uma inversão de valores na tipificação dos personagens, fato este que gerou uma polêmica dentro e fora da sala de aula.

Antes de exibir o documentário, foi explicado à turma que tal como o trailer do filme A Comédia Divina, o próximo vídeo também era uma interpretação do referido conto e que toda interpretação é carregada de ideologias e personalidades de quem interpreta, pois, segundo Nascimento (2018, p. 23):

Interpretação é a tomada de posicionamento do leitor, fazendo julgamentos sobre o que leu, através da sua bagagem cultural e da superfície textual. Portanto, a interpretação difere da compreensão no sentido de ampliação de conhecimentos, ao passo que alarga o cabedal de possibilidades de significação na leitura. (NASCIMENTO, 2018, p. 23)

Contudo, os alunos ficaram horrorizados com a forma como Deus foi retratado, completamente desprovido de pudores e como se a onisciência lhe faltasse; nas palavras do próprio diretor da peça, “era um Deus mais mundano e o Diabo mais retrógrado”. Mesmo tendo sido relacionada as partes do documentário com o texto original, a maioria da turma questionou a opção do diretor de apresentar um Deus diferente, alegando heresia e falta de respeito. Por conta dessa percepção, alguns alunos reclamaram aos pais, os quais pediram para que a professora mudasse o texto e o autor, pois este era ateu e seus textos imorais e que seus filhos não fariam a atividade descrita a seguir.

Após a leitura e o trabalho com o conto, bem como com o vídeo, buscando verificar as impressões que os discentes captaram tanto de um quanto de outro, foi solicitado que cada equipe compusesse uma minipeça de teatro sobre um encontro de Deus e o Diabo em Tobias, cidade onde residem. As equipes tiveram um prazo de oito dias para a apresentação em sala de aula, que foi prorrogado por conta da necessidade de uma reunião com alguns pais de alunos incomodados com a proposta.

Aula 4 – Apresentações teatrais

Essa aula foi destinada única e exclusivamente para as apresentações das peças de teatro sugerida e solicitada em aula anterior. Cada equipe dispôs de 20 minutos para apresentar sua criação. Porém, apenas duas equipes se apresentaram.

Aula 5 – Descobrindo o conto

Além do conto já trabalhado anteriormente, escolhemos também A cartomante, do mesmo autor, para enfatizar o compromisso com a leitura e a importância da Literatura. Para esse texto, um pouco mais extenso que o anterior, mas cuja temática é instigante e envolvente, resolvemos criar uma tarefa para a descoberta de qual conto seria, a fim de aguçar a curiosidade e mobilizar os conhecimentos prévios dos discentes. Assim, pistas foram lançadas oralmente, uma a uma, para que os alunos os desvendassem até descobrirem o título do conto. Ei-los a seguir:

1º enigma: É um dos contos mais famoso de Machado de Assis

2º enigma: O título é composto por apenas 1 artigo feminino e 1 substantivo comum de dois gêneros

3º enigma: É um profissional autônomo da área da astrologia

4º enigma: Diz-se capaz de prevê o futuro.

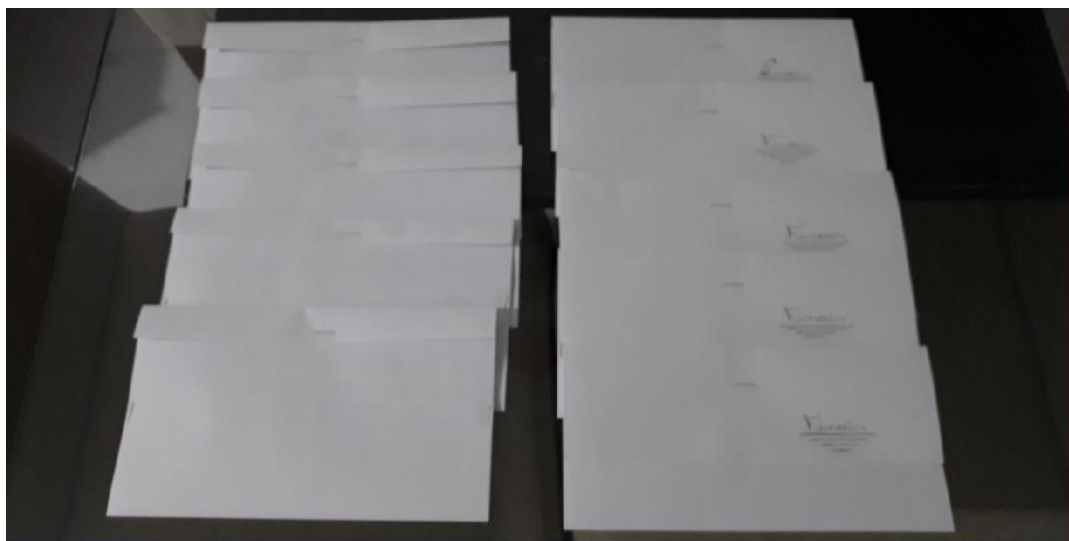
5º enigma: Seu principal instrumento de trabalho são as cartas.

Ao descobrirem o título do conto, a professora instigou as equipes a imaginarem qual seria a trama desse conto, considerando que seu autor é um escritor crítico e exigente. Cada um deu a sua sugestão e em seguida a professora relatou que se tratava da história de um casal apaixonado que, cegos de paixão, confiam no que lhe é mais conveniente. Feito isso, foi dado a cada equipe um envelope contendo o conto dividido em partes, as quais os alunos teriam de encaixar até montarem todo o conto. A divisão se deu considerando quatro momentos importantes para o desenrolar da trama:

1. Momento em que Rita e Camilo se conhecem e se aproximam.
2. Momento em que Rita e Camilo se envolvem.
3. Momento em que Rita e Camilo se separam.
4. Momento em que Rita e Camilo provavelmente se verão de novo.

Respeitando esses momentos, foi indicado aos discentes que cada página teria sido dividida em três partes, sendo que a última página não continha o desfecho, pois este encontrava-se em outro envelope, o qual continha cinco desfechos diferentes, incluído o do próprio conto, detalhados a seguir, para que eles escolhessem um que estivesse de acordo com o texto e com as aspirações do seu leitor. Essa tarefa exigia das equipes uma leitura atenta dos aspectos desenvolvidos em cada parte e que levariam as partes seguintes. Tanto os aspectos temáticos, quanto os aspectos linguísticos.

Figura 7



- **Finais:**

1. “O tílburí parara em frente à casa de Vilela, que esperava em pé à porta, de braço dado com Rita. Como o passageiro não desembarcava, o cocheiro acreditou que tivesse adormecido e desceu para chamá-lo e abrir-lhe a portinhola do carro. Vilela desceu os degraus da entrada da casa para ir ter com o amigo que chegava. Notou o embaraço do cocheiro e aproximou-se para ajudar. Parou ao lado do tílburí e lívido de susto viu o amigo: olhos muito abertos, mas que já nada viam, estava morto. Vilela cuidou de tudo com desvelo, como já houvera feito no passado quando a mãe de Camilo falecera. Durante todo o transe e sepultamento, Rita não dissera uma palavra. Só à noite, tudo terminado, Vilela disse a Rita que aquilo de morrer de repente era comum na família de Camilo, coisas do coração. Rita caiu-lhe nos braços arrebatadamente.”

(extraído de: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/2807067>)

2. “- Queria apenas pedir-lhe um favor...
-E que favor seria esse, caro amigo?
De repente ouviu-se um barulho de sapatos como se alguém subisse as escadas vagarosamente. Eram Rita e a Cartomante que adentravam à casa. Com uma espingarda e num ímpeto de fúria, Rita atira, mata os dois amigos e em seguida a cartomante.

Apenas uma certeza temos, a de que a cartomante não acertara o destino de ninguém, nem dela própria.”

(extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

3. “Daí a pouco chegou à casa de Villela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Villela.
— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?
Villela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pode sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Villela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.”

(extraído do próprio conto)

4. “A cartomante diz a Camilo que não volte pra casa de Rita, pois Rita não está mais lá... Rita o espera em determinado local e fogem pra bem longe dali. Camilo acredita na cartomante e faz o que ela manda, se encontra com Rita e somem do mapa e vão viver uma vida a dois, bem longe dali. Sentindo a falta da esposa, Vilela se desespera e os procura sem encontrar. Depois de um mês, abatido, retorna a sua casa e cego de amor e ciúme, comete suicídio.”

(extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

5. “Camilo chega à casa de Vilela:

-Desculpa, não pude chegar mais cedo, que há?

Vilela leva Camilo até a sala onde está Rita com um olhar amedrontado.

- Bem Camilo - disse Vilela - já sei de tudo o que anda acontecendo entre você e Rita. Não esperava que você fizesse tal coisa comigo, sei que como esposo me achei em faltas perante Rita, mas você, meu amigo, foi difícil acreditar que tivestes feito isso.

-Mas Vilela... - Vilela não permite-o acabar a frase e vai logo dizendo:

-Já conversei com Rita e ela quer ficar com você, então se vão daqui, já!

Camilo vai embora com Rita. De lá, saiu com um olhar cabisbaixo, não queria que as coisas acabassem assim.

Vilela depois de um bom tempo, se casou novamente e Rita e Camilo Já morando em um outro estado, tiveram dois filhos e vivem muito felizes.”

(extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

Essa etapa relaciona-se com a etapa de antecipação de Solé (1998) porque há uma apresentação geral da narrativa, a qual orienta o educando a penetrar nas entrelinhas do texto à medida que o reconhecimento de ações, reações e valores vão moldando o seu conhecimento a respeito do conto. Trata-se de uma etapa que considera as perspectivas dos alunos e suas impressões no intuito de estreitar os laços com a leitura e a literatura.

Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial (em função dos propósitos perseguidos; v. ponto 1. Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo? (SOLÉ, 1998, p. 74)

Depois de realizada essa tarefa, passamos a leitura integral do conto A cartomante, tendo em vista que Calvino (2007) sugere ser muito importante beber da fonte e o professor Alberto Roiphe sempre alertou os alunos da turma 5, da disciplina Literatura e Ensino do Proletras, a ler os textos completos e não apenas trechos, resumos ou análises porque esses já aparecem modificados pela leitura de quem os escreveu. Assim passamos a leitura de A cartomante, uma narrativa com inúmeras possibilidades de significações relativas tanto a época em que fora escrito quanto ao momento presente e cujo engajamento social também lhe confere um caráter atemporal e universal, um dos critérios usados por Perrone-Moisés (1998) para classificar uma obra como Clássica.

Aula 6 – A cartomante

Aula de cinquenta minutos destinada para leitura integral e dinâmica do conto. Três alunos foram escolhidos espontaneamente para fazerem o papel de Rita, de Camilo e da cartomante. A professora fez o narrador.

Aula 7 – CARTOGAME – A cartomante em jogo

Figura 8



Em função da realidade da escola pública com sua carência de recursos tecnológicos, optamos por desenvolver um jogo físico na penúltima etapa da SD, o qual não necessita de muitos materiais e serve como um meio para alcançar um objetivo relacionado ao conteúdo educacional. Nesse sentido, Fabre, Tamusiunas, Tarouco (2003) e Huizinga (1996) consideram um objeto de aprendizagem:

[...] qualquer recurso, suplementar ao processo de aprendizagem, que pode ser reusado para apoiar a aprendizagem, termo geralmente aplicado a materiais educacionais projetados e construídos em pequenos conjuntos visando a potencializar o processo de aprendizagem onde o recurso pode ser utilizado. (FABRE; TAMUSIUNAS; TAROUCO, 2003, p. 02)

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatória, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida quotidiana”.” (HUIZINGA, 1996, p. 33)

Os jogos, assim, se configuram uma ótima alternativa para estimular a aprendizagem, desenvolvendo habilidades como a autoconfiança, a organização, a concentração, a atenção, o raciocínio lógico e, por vezes, o cooperativismo de forma lúdica, “e a essência do espírito lúdico é ousar, correr riscos, suportar a incerteza e a tensão” (HUIZINGA, 1996, p. 59). Por meio do jogo físico, os alunos terão a oportunidade de refletir sobre o conto, sobre a leitura que fizeram e sobre eles mesmos, pois terão de lidar com o erro e a frustração, buscando estratégias para superá-los, como também experimentarão a alegria da conquista e da vitória.

Apresentação

Na tentativa de fomentar o hábito da leitura, principalmente de textos literários clássicos, e levar Machado de Assis para a sala de aula, desmistificando o caráter pouco pedagógico de suas obras, é que esse jogo torna-se um recurso viável para instigar nos alunos o interesse pela descoberta de uma leitura cujas dimensões ultrapassam o tempo. Trata-se de um jogo literário de cartas sobre o conto A cartomante (que para esse momento já deverá ter sido lido e trabalhado em sala de aula), com a finalidade de demonstrar os conhecimentos dos discentes sobre o referido conto bem como as suas habilidades de jogar em equipe, obedecendo às regras pré-estabelecidas e criando estratégias para competir com as equipes oponentes. O

Cartogame é composto por 42 cartas divididas em: duas cartas bomba, duas cartas coringa, seis cartas surpresa e 32 cartas com perguntas sobre a obra, descritas abaixo.

1. Quais personagens compõem o triângulo amoroso do conto A Cartomante, de Machado de Assis? (vale 1)
R.: Camilo, Vilela e Rita
2. Em que lugar se passa a história narrada no conto? (vale 1)
R.: na cidade do Rio de Janeiro
3. Que tipo de narrador temos nesse conto de Machado de Assis? (vale 1)
R.: narrador observador
4. Como Camilo conseguiu um emprego público? (vale 1)
R.: O pai queria vê-lo médico, mas ele não preferiu não ser nada, então a mãe conseguiu um emprego público para ele.
5. Quanto custava a consulta da cartomante e quanto Camilo pagou? (vale 1)
R.: custava dois mil-réis e ele pagou dez mil-réis
6. CARTA BOMBA (perde todos os pontos para o próximo grupo) (vale 1)
7. CARTA CORINGA (a próxima pergunta a professora responde) (vale 1)
8. A que ser o narrador compara a mulher? (vale 2)
R.: a uma serpente
9. Qual o desfecho desse conto? (vale 2)
R.: O assassinato de Rita e Camilo por Vilela
10. Onde aconteciam os encontros entre Rita e Camilo? (vale 2)
R.: Numa casa na antiga Rua dos Barbonos
11. Que acontecimento faz Camilo se afastar da casa de Vilela e Rita? (vale 2)
R.: as cartas anônimas sobre seu relacionamento com Rita
12. CARTA CORINGA (a próxima pergunta a professora responde) (vale 2)
13. CARTA SURPRESA (cave mais uma carta) (vale 2)
14. CARTA SURPRESA (imunidade – não pode ser eliminado) (vale 2)
15. O gênero conto é dividido, tradicionalmente, em quais partes? (vale 3)
R.: Apresentação, conflito, clímax e desfecho
16. A cartomante do conto em questão cumpriu com sua função? Por quê? (vale 3)
R.: Não, pois não foi capaz de alertar Camilo sobre o perigo iminente.
17. A que escritor Machado de Assis faz alusão ao citar Hamlet e Horácio? (vale 3)
R.: A William Shakespeare

18. **CARTA SURPRESA** (fique uma rodada sem jogar) (vale 3)
19. **CARTA SURPRESA** (cave mais uma carta) (vale 3)
20. O que é uma sibila? (vale 3)
R.: **mulher a quem se atribuíam o dom da profecia e o conhecimento do futuro.**
21. Qual a mensagem filosófica posta na apresentação do conto importante para o desenrolar da trama? (vale 3)
R.: **Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia**
22. De que trata a história do conto A cartomante? (vale 4)
R.: **De um caso extraconjugal que culmina em assassinato.**
23. Como Camilo e Rita se tornaram tão próximos a ponto de se apaixonarem? (vale 4)
R.: **Com a morte da mãe de Camilo, Rita se ocupou de ocupar o espaço vazio, confortando-lhe o coração.**
24. **CARTA BOMBA** (perde todos os pontos para o próximo grupo) (vale 4)
25. **CARTA SURPRESA** (elimine um adversário) (vale 4)
26. O que é um tílbur? (vale 4)
R.: **Uma carruagem, meio de transporte**
27. Qual o nome completo do autor do conto? (vale 4)
R.: **Joaquim Maria Machado de Assis**
28. Qual a reação de Camilo ao receber a primeira carta anônima? (vale 4)
R.: **Cessar as visitas à casa de Vilela e Rita**
29. Como o narrador descreve a personagem Rita? (vale 5)
R.: **Como uma dama formosa e tonta, de 30 anos, graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.**
30. Como o narrador descreve o personagem Vilela? (vale 5)
R.: **Um magistrado de 29 anos cujo porte grave o faz parecer mais velho.**
31. Como o narrador descreve o personagem Camilo? (vale 5)
R.: **Um funcionário público de 26 anos, aparentemente sozinho no mundo.**
32. A mensagem “Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia” trata dos mistérios que a ciência não consegue desvendar. No conto, que mistério paira no ar? (vale 5)
R.: **Como Vilela descobriu que estava sendo traído por seu amigo e sua esposa.**
33. O narrador em momento algum julga as personagens da trama, contudo, fica evidente que elas possuem uma desvirtude em comum. Qual seria? (vale 5)
R.: **A hipocrisia/ falsidade**

34. Como o narrador descreve a cartomante? (vale 5)
R.: **mulher de 40 anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos**
35. Quais os temas da vida social, muito recorrentes nas obras de Machado de Assis e também na sociedade carioca do século XIX, presentes no conto A cartomante? (vale 5)
R.: **o adultério, o casamento de fachada, os assassinatos**
36. Qual a importância da cartomante para o conto? (vale 6)
R.: **Ela representa o oráculo que prevê o futuro.**
37. Qual o principal conflito desencadeador do clímax? (vale 6)
R.: **O bilhete de Vilela à Camilo solicitando a presença deste em casa daquele.**
38. Quem é o vilão e o herói da história? (vale 6)
R.: **Não há 1 vilão nem 1 herói, pois todos os personagens carregam consigo aspectos positivos e negativos**
39. **CARTA SURPRESA** (fique uma rodada sem jogar) (vale 6)
40. Camilo, aos 20 anos perdeu a crença em todas as coisas, porém alguns acontecimentos recentes fazem o jovem voltar a acreditar em certos assuntos. Que acontecimentos foram esses? (vale 6)
R.: **o relacionamento escondido com Rita, as cartas anônimas, o bilhete de Vilela, o desespero por achar que o amigo soubesse de tudo...**
41. Qual o clímax do conto? (vale 6)
R.: **A passagem de Camilo pela cartomante.**
42. Qual a única pista dada no texto a respeito do caráter duvidoso da cartomante? (vale 6)
R.: **“Era imprudente andar por essas casas, pois Vilela podia saber”**

Para a realização do jogo, são necessárias as seguintes peças:

I – um dado

II – cartas contendo perguntas referentes à obra literária trabalhada, carta surpresa, carta coringa, carta bomba e cujo verso contemple cada lado do dado

III – uma caixa para guardar as cartas

Figura 9 – verso da carta



Figura 10 – frente da carta



Organização

A turma pode ser dividida em seis equipes com seis integrantes cada ou de acordo com o número de alunos que haja na sala onde o jogo será aplicado, desde que o número mínimo de equipes seja três. A escolha dos grupos fica a critério dos alunos. Inicia o jogo a equipe que lançar o dado e obtiver a maior pontuação e assim sucessivamente até obter a ordem que cada uma jogará. A pontuação é relativa à quantidade de pontos que há no verso das cartas conquistadas pela equipe ao ter respondido acertadamente a pergunta feita. As regras do jogo devem estar claras e expostas em lugar visível a todas as equipes.

Regras do jogo

1. Jogo composto por, no mínimo, três equipes com número de componentes de acordo com a turma;
2. Um integrante diferente de cada equipe lança o dado a cada rodada;
3. A numeração do dado corresponde à numeração da carta que o integrante terá de escolher para responder entre as cartas com a quantidade de pontos sorteados;
4. Ao escolher a carta, o integrante a entrega ao professor que fará a pergunta em alto e bom tom;

5. O integrante pode consultar a equipe, mas esta não pode responder por ele sob pena de ficarem uma rodada sem jogar;
6. Pode haver consulta ao texto integral da obra;
7. Cada um terá trinta segundos para responder;
8. Caso o integrante não saiba a resposta da carta sorteada, outra equipe que saiba poderá respondê-la (se a resposta estiver errada, o grupo perde a quantidade de pontos relativos à carta da pergunta respondida);
9. Em primeiro lugar vence a equipe que obtiver mais pontos de acordo com a pontuação de cada carta conquistada. E assim, respectivamente até o último lugar.

A última atividade da SD, a produção final, é proposta a fim de verificar o nível de desenvolvimento da competência leitora dos alunos. Para tanto, faz-se uso da escrita já que ambas são indissociáveis. Por isso, os alunos serão motivados e orientados a responder a algumas perguntas mostrando a relação entre ambos os contos, seus pontos positivos e negativos. Após a escrita, as perguntas serão socializadas em sala de aula. Espera-se com esse trabalho interventivo poder melhorar a competência leitora dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do CEABR bem como os índices avaliativos da escola. Ademais, que os alunos criem o hábito da leitura e vejam a Literatura como uma aliada ao seu desenvolvimento humano, profissional e pessoal.

Mesmo que as séries finais do ensino fundamental não contemplem o ensino de Literatura tal qual no ensino médio, convém que o contato com esse gênero seja efetivado desde já, afinal, trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula representa um caminho à “materialização” da língua e sua funcionalidade, já que, conforme Marcuschi (2008, p.25) estabelece, “[...] os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas.” Eis o porquê não se pode nem deve dissociar o ensino de língua do contato com os diversos textos espalhados em sociedade, principalmente com o literário, permeado de “material semiótico-ideológico” pertinente ao uso e aquisição da Língua.

3. ANÁLISE DE DADOS

Pensando na importância do papel da leitura na vida escolar e social dos discentes é que busca-se com esta pesquisa-ação desenvolver o domínio de estratégias para a compreensão leitora, cuja efetividade encontra-se analisada neste capítulo. Conforme já mencionado, o insuficiente desempenho da competência leitora no contexto da sala de aula é um problema cujos efeitos são refletidos no rendimento escolar dos alunos de modo geral e se arrastam para a participação ativa na vida social. São estudantes que, mesmo tendo concluído o ensino fundamental e/ou o ensino médio, não correspondem às habilidades esperadas para seu nível escolar, ou seja, “pessoas que, apesar de terem frequentado a escola e ‘aprendido’ a ler e a escrever, não podem utilizar de forma autônoma a leitura e a escrita nas relações sociais ordinárias” (SOLÉ, 1998, p. 32).

De acordo com essa percepção, evidenciada também durante a atividade diagnóstica, a qual foi feita antes da sequência didática, depreende-se que as aulas de Língua Portuguesa precisam de uma renovação na busca de metodologias que alcancem os alunos com dificuldades na prática de leitura e compreensão da mesma. Nesse sentido, para fins de análise, foi adotado o conceito de avaliação proposto por Luckesi (2000), o qual a reconhece como “um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educador e cada educando na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida” (LUCKESI, 2000, p. 1).

Seguindo este autor, os instrumentos para a coleta de dados desse trabalho visaram corroborar para uma prática educacional justa e acolhedora. Justa porque considera e respeita os limites e a autonomia da turma alvo da pesquisa e porque considera que as avaliações acerca de todo processo sofrem influências ideológicas e intelectuais a partir das observações realizadas pela professora pesquisadora. Como afirma Nascimento (2018, p. 58) “não existe neutralidade na descrição dos dados”. E é acolhedora porque tem respaldo no diagnóstico e não em julgamentos prévios, pois, segundo Luckesi (2000, p. 2) “o ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: *diagnosticar e decidir*”. Assim, os dados foram registrados a fim de conhecer o perfil leitor da turma e como esse perfil afeta a compreensão leitora, para em seguida agir sobre eles.

Para tanto foi realizado um questionário socioavaliativo, descrito no capítulo 2.1, cujas questões serviram para sondar o perfil sociocultural da turma e sua habilidade de leitura e em cujas respostas ficaram evidentes as impressões dos alunos acerca da leitura e do porquê de não gostarem de ler, principalmente quando se trata de ler textos clássicos e mais extensos dos que o que estão habituados a ler. Isso nos mostrou o caminho mais viável a percorrer para a

execução de uma metodologia alinhada às demandas da vida social, as quais exigem um excelente preparo intelectual, e também ao desenvolvimento da compreensão leitora a partir de uma inserção da Literatura nos anos finais do ensino fundamental.

A aplicação da sequência didática iniciou-se em meados do mês de setembro e se estendeu até o mês seguinte devido à interrupções de ordem diversa, como uma reunião de pais, uma audiência pessoal e a participação da professora pesquisadora na Feira de Ciência e Tecnologia de Sergipe, com outra turma. Em suma, a SD transcorreu dentro de três semanas, detalhadas no Quadro Síntese da página 32, sempre às quintas e sextas-feiras. A respeito do tempo consumido, pude observar dois pontos negativos: o primeiro, que uma sequência didática tão longa impacta diretamente na participação dos alunos, pois dos 36 alunos que formam a turma, 27 participaram de todas as etapas e os outros 9 alunos faltavam em uma ou em outra aula. E o segundo, que eu precisava, vez ou outra, recuperar o que havia sido estudado antes porque eles esqueciam, fato que também influencia nos resultados.

A aula 4 e a aula 7 foram momentos em que os estudantes trabalharam em equipe, contudo, foram observados individualmente de acordo com o envolvimento e a atuação durante as tarefas. Na aula 4, por questões religiosas, apenas 2 equipes de 5 alunos cada realizaram a atividade proposta, enquanto os demais apenas prestigiaram a apresentação. A produção dessas duas equipes encontra-se anexa ao final deste trabalho. A aula 7, momento do cartogame, jogo de cartas sobre A cartomante, de Machado de Assis, as equipes foram informadas que haveria pontuação relativa ao sucesso de cada uma no jogo, de modo que o 1º lugar receberia 3,0 pontos; o 2º receberia 2,5; o 3º, 2,0; o 4º, 1,5 e o 5º, 1,0. Tal como pontua Cruz (2018, p. 39), “o jogo em questão possui vencedores porque é uma forma de os alunos lerem previamente o conto antes da partida”, por isso a premiação levando em consideração o desempenho de cada equipe.

3.1 Atividade diagnóstica

A atividade diagnóstica aconteceu anteriormente à sequência didática com a finalidade de localizar as dificuldades dos alunos em relação à compreensão da leitura do texto O homem que espalhou o deserto e do conto O Milagre, ambas descritas no capítulo 2.2. Aos alunos, em momentos diferentes, foram entregues dois questionários contendo perguntas de caráter mais objetivo (àquelas cujas respostas estão na superfície do texto) e perguntas de caráter mais analítico (àquelas cujas respostas exigem maior mobilização de conhecimentos). Referente ao

primeiro texto, eles tiveram que responder ao questionário sem que houvesse nenhuma interferência pela professora pesquisadora. E foi possível constatar que as questões objetivas foram respondidas de modo satisfatório, atendendo às expectativas da professora, por todos os alunos da sala, enquanto as perguntas de caráter analítico sequer foram respondidas.

Isso prova que os alunos não conseguiram penetrar na complexidade do texto, não foram capazes de gerar sentido a partir de deduções, não resgataram informações implícitas nem relacionaram as ideias do texto com seu conhecimento prévio de mundo, ficando apenas na superfície textual onde as respostas estão prontas, claramente explícitas.

Sendo uma atividade de produção de sentidos colaborativa, a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais. Para se compreender bem um texto, tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e esse é um aspecto notável quanto à produção de sentido. (MARCUSCHI, 2008, p. 233)

Relativo ao segundo texto, estruturado da mesma forma que o anterior, os alunos só responderam as questões depois de uma intervenção da professora a respeito da temática, momento em que foi discutido o sentido da palavra milagre que intitula o conto. Após esse momento, os discentes começaram a responder o questionário, de modo que nenhuma pergunta ficou sem resposta, mesmo havendo respostas diferenciadas do esperado. Além do mais, o final que cada um produziu correspondeu a forma como eles enxergam a crença em milagres e a importância de se crer. Essa mudança no trato das questões prova que se os estudantes forem levados a refletir sobre o que leem, os resultados tendem a ser mais positivos. Portanto, esperamos que o trabalho realizado com os contos clássicos de Machado de Assis possam ser bem-sucedidos no tocante a compreensão.

3.2 Detalhamento da sequência didática

3.2.1 Módulo I

Primeira aula

Na primeira aula foi feito um breve esclarecimento sobre a pesquisa a fim de que os discentes tomassem ciência do que seria realizado e com qual objetivo. Representou o primeiro

passo para a concretização da sequência didática, pois todas as etapas foram informadas e combinadas com a turma, que se mostrou, à priori, bem animada com a proposta. Em tempo, abordei alguns aspectos pertinentes às etapas da SD, como por exemplo, as características do gênero conto e um resumo da biografia de Machado de Assis. Deixei claro o meu apreço por esse autor decorrente de suas obras possuírem um tom realista e sempre atual, com assuntos que não se esgotam com o tempo, ao contrário, são atemporais. Por isso mesmo são clássicos porque, embora sejam antigos, são cheios de novidades.

Além da maestria de suas obras, também expliquei que Machado era um exemplo de superação, tendo em vista as limitações que ele tinha e as características culturais e ideológicas da época em que nasceu, em 1839. Nesse momento, foi necessária uma pincelada quanto a configuração social da sociedade carioca da época. Falou-se da escravidão como uma prática legalizada e que só foi abolida em 1888; falou-se do preconceito racial que era ainda mais acirrado do que é hoje e de como as pessoas viviam de aparências para garantir status e participação na alta sociedade. A respeito desses aspectos, os alunos constataram que a abolição da escravatura ocorreu 49 anos após o nascimento de Machado de Assis e que pela foto apresentada no slide utilizado, ele era negro e questionaram o porquê dele não ter sido escravizado. Esse questionamento me pegou de surpresa e um tanto despreparada, tendo em vista que em todos os textos lidos sobre esse autor, não havia nada referente a essa situação. Contudo, eu deduzi para respondê-los que escravos eram apenas os de origem africana, Machado era filho de portugueses, então era livre. E eles questionaram porque só os africanos eram escravizados, respondi que por questões de poder e dominação, que o professor de História ou de Geografia explicaria melhor que eu.

Concluída essa discussão, citei algumas obras do autor, entre elas o conto A igreja do Diabo e foi uma euforia. Interrogados sobre quem ali participaria dessa igreja, todos negaram, porém demonstraram curiosidade em saber o que teria nela. Então, pedi a eles que deduzissem e várias foram as conclusões: drogas, bebedeiras, prostituição, roubo, traição... Após as deduções, 2 alunos, os mais velhos da turma (17 anos), disseram que participariam só para poderem beber à vontade. Não entrei em discussão, porque caberia uma outra proposta de intervenção. A aula foi encerrada e me dirigi para outra turma, todavia, voltaria para a segunda aula, no 3º horário.

Segunda aula

No terceiro horário voltei para a turma do 8º ano para dar continuidade à aplicação da SD. Nesta etapa, o trailer oficial do filme *A Comédia Divina* seria exposto e para tanto precisaríamos utilizar a caixa de som, no entanto o cabo de áudio havia sumido e até encontrá-lo transcorreram-se 15 minutos da aula. Enquanto aguardávamos, os alunos manifestaram ansiedade pelo vídeo e começaram a especular sobre o que veriam.

Quando finalmente conseguimos exibir o vídeo, os meninos gostaram e pediram para eu levar o filme completo, mas infelizmente, eu não tinha. Após assistir ao trailer, eles observaram que Deus foi personificado em uma personagem feminina e o ator que fez o papel do Diabo era muito bonito. Ao serem interrogados sobre o porquê dessas escolhas, a resposta foi unânime: o Diabo precisa ter boa aparência para atrair fieis a sua igreja, o que não ocorreria se ele fosse feio e fedesse a enxofre. E Deus porque quiseram dar valor à mulher.

Acerca dessa última suposição, não houve muito acordo, pois os alunos acreditam que Deus é homem, tanto que um aluno pertencente a congregação Testemunho de Jeová ratificou essa teoria usando um versículo bíblico: “Eu sou o Deus de Isaac e Jacó”. O termo destacado corresponde ao momento em que houve elevação da voz para contrapor com o artigo feminino ‘a’ caso Deus fosse mulher.

Em seguida, entreguei o caça-palavras para que eles pudessem encontrar os prováveis fundamentos da igreja do Diabo. Como restavam apenas 20 minutos para o término da aula, foi permitido fazerem em equipe de 5 componentes, totalizando 6 equipes. Também foram informados de que haviam palavras na horizontal, na vertical e na diagonal, totalizando 9 fundamentos. Das 5 equipes, duas encontraram os 9 fundamentos; três encontraram somente 8, faltando a palavra ‘ira’ em todas, e uma equipe encontrou apenas 7, faltando as palavras ‘ira’ e ‘hipocrisia’.

Essa ação motivacional que antecede o contato com o texto literário integral confirma a importância de se estabelecer meios para gerar afinidade com o texto que será lido a seguir, proporcionando eventos de letramento. E como bem afirma Cosson (2016, p. 55) “A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação.” Desse modo, podemos inferir que o ‘terreno foi preparado’ para receber o texto e construir por meio dele todos os sentidos e significações possíveis, desde as mais simples até as mais complexas. A leitura integral do conto ficou para o dia seguinte.

Terceira aula

Ao iniciar aula, dois alunos sinalizaram terem lido o conto em casa pela internet e que o texto tinha muitas palavras difíceis. Embora esses meninos tenham se antecipado, isso demonstra o sucesso da motivação, mesmo que em pequenas proporções. Pedi que a turma se organizasse em círculo para que a leitura fluísse melhor; assim fizeram e logo distribuí as cópias dos contos para cada um individualmente. Convidei os meninos que já haviam lido para fazerem a fala dos personagens Deus e o Diabo, enquanto eu me encarregaria da fala do narrador. Quando receberam as cópias e perceberam a extensão do texto, a maioria reclamou, porém todos acompanharam a leitura atentamente e grifando as palavras desconhecidas, tais quais mirífica, avulso, cânones, breviário, cítaras, alaúdes entre outras.

Ao término da leitura, fez-se pertinente explicar que se o tema do conto era a fundação de uma igreja, as palavras usadas em boa parte do texto eram de trato eclesiástico, ou seja, eram próprias de uma instituição religiosa, fosse do Diabo ou não. Assim, expliquei que o sentido das palavras podem ser encontrados na relação que elas mantêm com as demais palavras e com o contexto. Por exemplo, a palavra ‘mirífica’. Ela intitula o primeiro capítulo, o qual se encarrega de apresentar a ideia que o Diabo teve. Sendo assim, se a ideia é dele e é boa para ele, então a palavra mirífica pode ser substituída por? E alguns responderam acertadamente, maravilhosa. Assim foi feito com outras palavras, não todas que eles grifaram porque não daria tempo, mas foi o suficiente para que eles pudessem estabelecer os sentidos das palavras previamente selecionadas por mim e apresentada pela imagem 5.

Essa atividade não foi muito exitosa, pois os alunos não conseguiram relacionar adequadamente as palavras aos seus significados, principalmente das palavras de cunho eclesiástico, como breviário, prédicas e a palavra misantropia, as quais não foi realizada nenhuma relação pelos alunos. Entende-se que as palavras elencadas não faziam parte do contexto sociocultural dos discentes, por esse motivo, houve tanta dificuldade e insucesso. A tabela a seguir explicita melhor as relações estabelecidas ou não pelos alunos.

Tabela 3: TABELA DAS RELAÇÕES POR ALUNO

PALAVRAS	RELACIONARAM	NÃO RELACIONARAM
Cânones	5	25
Remanescentes	10	20
Obséquios	20	10

Breviário	0	30
Prédicas	0	30
Varonil	15	15
Remate	15	15
Escárnio	10	20
Retórico	15	15
Placidez	5	25
Misantropia	0	30

Fonte: elaboração de autoria própria

No entanto, a não compreensão dessas palavras pouco implicou na compreensão do texto, pois a turma foi capaz de expor suas impressões e julgamentos acerca da narrativa. Sendo o texto um fenômeno social e linguístico, os alunos que não são desprovidos de experiências, puderam acionar seus esquemas cognitivos e sociais para depreender os sentidos presentes em cada construção do conto, “nossa compreensão está ligada a esquemas cognitivos internalizados [...]. Assim, a percepção é, em boa medida, guiada e ativada pelo nosso sistema sociocultural internalizado ao longo da vida” (MARCUSCHI, 2008, p. 228).

Podem ser observadas, nas imagens, algumas impressões expressas por alguns alunos. São impressões simplórias, por vezes extraídas das próprias linhas do texto, mas que refletem as visões de mundo que os meninos têm acerca da religião e das divindades Deus e o Diabo. A ideia do Diabo de querer fundar uma igreja foi o que mais impressionou a maioria da turma, especificamente 19 alunos, dos 30 participantes, descreveram essa impressão. Nove alunos indicaram outros comentários diferentes, como o fato das pessoas se tornarem adeptas dessa igreja e como de uma hora para outra passam a fazer o bem escondido.

Figura 11

Atividade de Pesquisa

1. No conto A igreja do Diabo, de Machado de Assis, o que mais lhe impressionou?

o fato de um ser sobrenatural querer criar sua própria igreja, ao ponto de querer converter os outros religiosos.

2. Transcreva uma frase do conto que tenha chamado a sua atenção e explique o porquê?

"O mal criado seria o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Aarão."

Figura 12

Atividade de Pesquisa

1. No conto A igreja do Diabo, de Machado de Assis, o que mais lhe impressionou?
 que o diabo fundou uma igreja
2. Transcreva uma frase do conto que tenha chamado a sua atenção e explique o porquê?
 o diabo, em certos dias, tem a ideia de fundar uma igreja, porque é bem difícil ser o diabo salvando uma igreja

Figura 13

Atividade de Pesquisa

1. No conto A igreja do Diabo, de Machado de Assis, o que mais lhe impressionou?
 O fato do Diabo ter que ir ^{Pedir} permissão a Deus para fundar a sua igreja e ainda disser que fundar sua igreja sabendo da ideia dele de ser melhor que Deus.
2. Transcreva uma frase do conto que tenha chamado a sua atenção e explique o porquê?
 Enquanto as outras religiões se combatem e se desdém a igreja do Diabo será única. Porque os mundanos cruce em no povo e o povo cruce se desdém.

Figura 14

Atividade de Pesquisa

1. No conto A igreja do Diabo, de Machado de Assis, o que mais lhe impressionou?
 Com o Diabo que foi a única que se organizou de seu reino e em pouco no seu plano, mas a sua importância e como se os humanos, realmente combatem o que ele é proibido.
2. Transcreva uma frase do conto que tenha chamado a sua atenção e explique o porquê?
 Uma igreja do Diabo era a única que se combatem as outras religiões e destruí-las de um vez... E depois enquanto as outras religiões se combatem e se desdém a única igreja não usava. A igreja que ele fez era para que ele fosse o seu plano e como ele fez.

Além dos comentários demonstrados anteriormente, duas alunas comentaram não terem gostado do conto devido ao tema, porém não justificaram o porquê. Entretanto, eu suponho que tal visão seja fruto do conservadorismo católico já demonstrado pelas duas em outras aulas e com outros professores.

A fim de enriquecer ainda mais o conhecimento e as possibilidades de reflexão dos alunos, exibi o documentário *Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia* que faz uma releitura do conto machadiano, porém carregando as impressões pessoais e ideológicas de seus autores. O documentário foi exibido em partes objetivando relacionar as cenas da peça do documentário com os respectivos trechos da obra original. Por exemplo, a cena em que a personagem Nossa Senhora orienta Deus a participar da festa de Iemanjá e lhe oferecer um presente no intuito de somarem-se para derrotar o Diabo, que a essa altura já estava na Terra. Essa cena corresponde a interpretação de qual trecho do conto? Foram no total sete cenas descritas abaixo, as quais os meninos relacionaram perfeitamente.

1ª CENA (2:09) – Aparição do Diabo com a ideia de desafiar Deus

2ª CENA (2:45) – Deus decide ir fiscalizar o Diabo

3ª CENA (3:45 – 5:47) – As manifestações religiosas

4ª CENA (8:03) – Deus abomina os princípios diabólicos

5ª CENA (10:00) – O Diabo parece vencer

6ª CENA (10:33) – Maria orienta Deus a se unir com Iemanjá

7ª CENA (13:27) – O Diabo considera a humanidade uma piada

Essa atividade foi muito proveitosa, pois houve o empenho da turma em acertar as relações, de modo que todos estabeleceram as conexões entre as partes à medida que a professora solicitava. Observaram que as cenas do documentário não seguem a cronologia dos fatos na narrativa e que o documentário tem muita influência da cultura baiana. Puderam ver que um mesmo texto dá margem para inúmeras interpretações, dependendo apenas da disposição de quem ler. Que a Literatura oportuniza de maneira mais abrangente infinitas leituras, as quais tendem a ampliar o conhecimento de mundo do leitor, como também o conhecimento sobre si mesmo. E que Machado de Assis parece escrever sobre temas, personagens, comportamentos como se fosse hoje. Por isso:

Machado é, sem dúvida, merecedor de incontáveis interpretações, exatamente por revelar em sua obra multifacetada uma não simultaneidade de tempos, que faz com que seu texto não se torne velho como o passar dos anos, mas possa transmutar-se em feição de documento histórico, [...] (HANNA, 2012, p. 62)

O desempenho dos alunos nesse exercício gerou na professora uma expectativa em relação à aula seguinte onde, em equipe, eles apresentariam uma minipeça elaborada por eles próprios a partir da leitura e compreensão do texto lido. Tal trabalho era uma forma de atestar ou não a efetividade dos exercícios desenvolvidos com o conto ao mesmo tempo em que colocava os estudantes como protagonistas do seu saber, da sua aprendizagem, através da autonomia e da criatividade.

Apesar do documentário subverter valores, os quais foram notados de imediato pelos alunos, o trabalho orientado pressupunha também contribuir para evitar más impressões acerca do conto e de seu autor, além de pretender alargar as possibilidades de compreensão e interpretação. Entretanto, nem todos os alunos entenderam a proposta do documentário, julgando-o a partir de suas crenças, como é possível notar nas imagens a seguir.

Figura 15

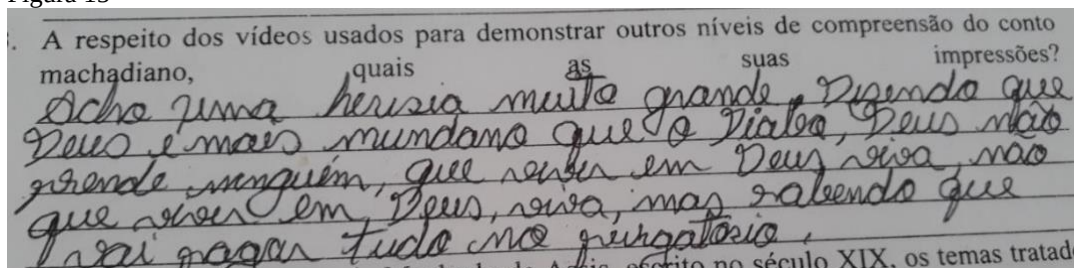


Figura 16

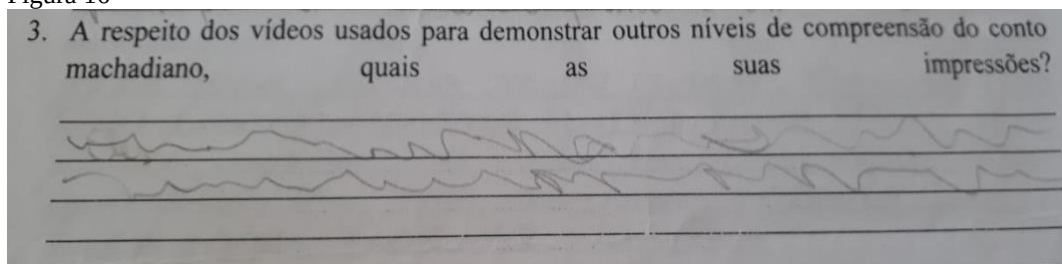


Figura 17

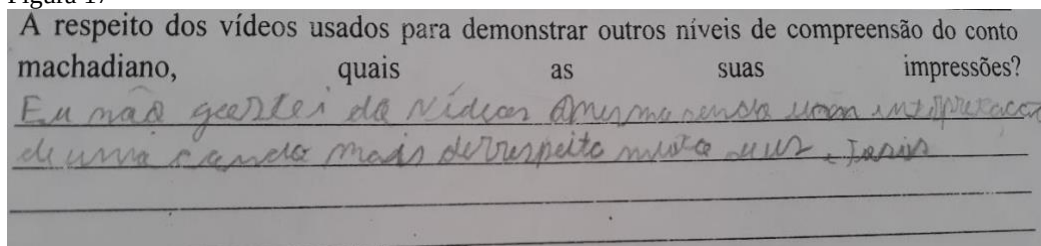


Figura 18

A respeito dos vídeos usados para demonstrar outros níveis de compreensão do conto machadiano, quais as suas impressões?

o filme do glêcio é que o diabo faz o tudo por obra sua iguês.
o teatro deus é um pouco mais alegre e o diabo é mais chato.

Figura 19

A respeito dos vídeos usados para demonstrar outros níveis de compreensão do conto machadiano, quais as suas impressões?

No trailer falou de como Deus se o diabo fundou a sua igreja aqui
e no Rec de Teatro mostrou como Deus se Deus e o diabo tinham personagens
de Deus aparecerem e fosse baseado no teatro

Figura 20

A respeito dos vídeos usados para demonstrar outros níveis de compreensão do conto machadiano, quais as suas impressões?

O jeito que o diabo e Deus é retratado. A maneira das pessoas vê o diabo mais mau e Deus com uma aparência mais melhor. O jeito engraçado que eles tiveram o conto foi incrível.

Retratando em números as respostas dos alunos, dos 30 participantes dessa aula, 7 conseguiram compreender e atender, ao seu modo, às expectativas da pergunta, como nas imagens 17, 18 e 19. Seis alunos teceram comentários apenas sobre o documentário e a forma como foram percebidos, imagens 14, 15 e 16. Os demais alunos apenas registraram terem gostado dos vídeos, pois eram engraçados.

A próxima aula, planejada para a quinta-feira da semana seguinte, seria destinada às apresentações teatrais. Esse tempo era o suficiente para que eles elaborassem e ensaiassem a peça. Acordados sobre tudo, inclusive que cada equipe disporia de vinte minutos para a apresentação, encerrei a aula.

3.2.2 Módulo II

Quarta aula

A quarta aula sofreu interrupções de diversas ordens. Primeiro, a mãe de uma aluna foi até a escola conversar comigo a respeito da peça que eles teriam de apresentar, pois a filha não participaria. Acrescentou que não concordava com o fato de eu ter levado Machado de Assis para a sala de aula, tendo em vista que ele é ateu e o conto lido evoca o demônio, perturbando a cabeça dos meninos que ainda não têm maturidade para distinguir o certo do errado. E que o mundo já está revirado demais, para a escola também querer inverter valores.

Expliquei calmamente toda a proposta da pesquisa e que se tratava de uma pesquisa. Alerttei-a para o fato de que independente de Machado de Assis ser ou não cristão, isso não poderia ofuscar o brilho do seu trabalho, o qual ultrapassa gerações e fronteiras. Que se evocar o Diabo for somente mencioná-lo, então tem-se que rever a bíblia, pois é onde mais ele aparece. E não havia inversão de valores algum, pois em momento nenhum obriguei os meninos a terem a mesma percepção, ao contrário, solicitei que eles fossem genuínos na hora de expor suas impressões, tanto na pergunta quanto na peça.

As explicações não pareceram tê-la esclarecido e ela saiu do colégio informando que iria conversar com o diretor espiritual antes de tomar qualquer decisão. A reação dessa mãe me afetou muito, principalmente porque durante o final de semana recebi telefonemas e mensagens pelo whatsapp de outras mães preocupadas com esse trabalho, por isso, combinei com o diretor uma reunião com as mães dos alunos da turma e adiei a apresentação dos meninos. A reunião aconteceu às dez horas do dia vinte de setembro com a presença de 5 mães (1 adventista e 4 católicas). Ao término da reunião, três das participantes entenderam a didática e não viram problema algum, mas duas dessas deixariam a critério dos filhos fazerem ou não a peça. As outras duas se mantiveram irredutíveis.

Além dessa interrupção, na semana seguinte eu não estaria na escola devido a uma audiência em Aracaju e a minha participação na CIENART com outra turma. Sendo assim, a quarta aula só aconteceu dia três de outubro, três semanas depois da leitura do conto. E para minha tristeza, somente duas equipes se apresentaram. A produção de cada uma das duas encontra-se em Anexos.

É importante ressaltar que em ambas as produções a luta do bem contra o mal é uma constante. O bem é sempre personificado na pessoa de Deus e daqueles que fazem o que ele manda e o mal é representado pelo Diabo invejoso que não cansa de tramar contra os filhos de Deus a fim de derrotar o poderio celestial. Mas, como todo bom conto de fadas, mesmo o mal sendo astuto, no final o bem sempre vence. Essa é a visão criada pelas antigas gerações que

enxergavam e dividiam ‘o mundo’ em apenas dois lados: o bem e o mal; a direita e a esquerda; Deus e o Diabo... e que é perpetuada pelas gerações seguintes, pois estão tão incorporadas a nossa cultura que não é possível separá-la do nosso inconsciente. De modo que, tudo o que for diferente representa uma afronta à ordem.

As equipes que não se apresentaram, não justificaram o porquê, mas não foi difícil prevê. Longe de julgá-los, pois agiram de acordo com a visão de mundo que possuem e que é fruto daquilo que os influencia, a reação serviu de muito aprendizado a esta que vos fala. O mais pertinente deles foi perceber o quanto a profundidade dos textos literários são importantes para minimizar preconceitos e tradicionalismos desmedidos e o quão faz-se urgente qualificar as nossas leituras. “Crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas” (COSSON, 2016, p. 35). Ou seja, só o conhecimento traz a fecundidade necessária a uma sociedade disposta a sair da mediocridade.

3.2.3 Módulo III

Quinta aula

No dia seguinte ao das apresentações, tendo em vista todo equívoco em torno da terceira aula, iniciei a quinta aula com uma breve reflexão sobre a importância dos diferentes pontos de vista para o desenvolvimento intelectual e moral da humanidade. Expliquei que pensar e agir de uma forma não significa desrespeitar quem pensa e age de outra. Respeitar abrange ouvir e acolher. E a todo momento, as impressões deles estavam sendo ouvidas e acolhidas.

Após essa breve introdução, informei que trabalharíamos com outro conto de Machado de Assis e que eles ficassem à vontade para participar ou não. Todos os que estavam presentes afirmaram que iriam participar. Não mencionei qual seria o conto no intuito de que descobrissem através das pistas que eu iria lançando aos poucos. Embora, não tivesse premiação para quem descobrisse, a turma ficou em clima de competição e logo na primeira dica (ver página 31), começaram a supor aleatoriamente, um falando mais alto que o outro na tentativa de encobrir a voz do colega. Parei um minuto para pedir ordem, pois eu não estava conseguindo entender a todos e os orientei a interpretar as dicas, assim achariam mais facilmente o título.

Ao retomar a atividade, repeti a primeira dica e um aluno respondeu Dom Casmurro. Expliquei que Dom Casmurro era um romance famoso e não um conto devido a narrativa do

romance ser mais alongada que a do conto. Relativo a segunda dica, eles sabiam o que era um artigo feminino, porém não lembravam do que era um substantivo comum de dois gêneros. Ninguém arriscou um palpite. Na terceira dica, alguns mencionaram astrólogo e outros ainda, o horóscopo. Eu disse que eles estavam esquentando para animá-los mais. Na quarta dica, uma resposta soou apropriada e engraçada, um aluno citou o nome de uma taróloga famosa da cidade. Disse que infelizmente o título não era aquele porque Machado de Assis não a conhecia, mas que ele havia ‘batido na trave’.

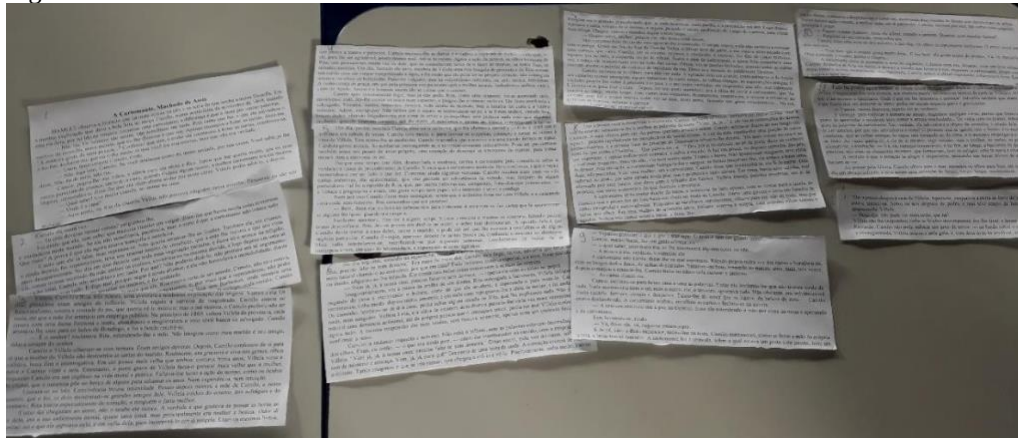
Na quinta e última dica ficou mais fácil e três alunos gritaram juntos: - A cartomante. Em seguida, encerrei a aula e antes de sair da sala solicitei que para o terceiro horário formassem equipes de 5 pessoas porque teríamos uma atividade para ser feita em conjunto e que as equipes fossem as mesmas que participariam do jogo.

Sexta aula

As equipes foram formadas, totalizando 3 equipes de 5 componentes e 2 equipes de 6. A cada uma foi dado um envelope contendo as partes do conto que eles teriam de ler e montar de acordo com cada momento exposto (ver página 38). E outro envelope contendo 5 finais diferentes (ver página 39), dos quais teriam que escolher um para completar o conto.

Alguns alunos pediam ajuda ao menos para ver o que estava certo e o que estava fora do lugar, mas não intervi. Adverti que eles deveriam ler parte por parte e depois verificar se há sentido lógico entre as partes montadas. Ao final dessa etapa, 3 equipes montaram o conto perfeitamente e 2 trocaram partes de lugar. A respeito dos finais, o mais escolhido foi o 5º, por 3 equipes. Apenas uma equipe escolheu o final original e a outra escolheu o 4º.

Figura 21



Depois das montagens, entreguei uma cópia do conto para que cada aluno pudesse acompanhar a leitura, a qual foi feita integralmente, tal como sugere Cosson (2016, p. 23) “[...] é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, [...]”. Dessa vez, eles não reclamaram da extensão do texto, fato que me surpreendeu e agradou. E a primeira atitude dos meninos assim que receberam as cópias foi verificar se tinham montado corretamente de acordo com o texto original. Todos acompanharam com bastante atenção e à medida que íamos lendo, alguns alunos teceram julgamentos sobre os personagens, como por exemplo, adjetivaram Vilela de chifrudo e Camilo de amigo da onça.

A maioria não gostou do final. E somente um aluno questionou acerca de quem havia escrito a carta anônima para Camilo. Expliquei que Machado de Assis gostava de mistério e deixava a responsabilidade de desvendá-lo para seus leitores. O questionamento suscitou nos demais a curiosidade e começaram a especular, de modo que, segundo eles, a cartomante era a mais provável tendo em vista que Rita havia ido se consultar com ela no começo do conto. No entanto, eles não tinham certeza. E eu também não tinha como garanti-la. As cópias ficaram com cada um caso pretendessem ler mais uma vez, já que o jogo aconteceria na semana seguinte.

3.2.4 Módulo IV

Sétima aula

A turma estava ansiosa pelo jogo. As 5 equipes estavam presentes, porém uma estava com um componente a menos. Antes de começarmos, li as regras para todos e as deixei no quadro, visível às equipes. Além das regras, também estabeleci alguns parâmetros de conduta durante o jogo, com o intuito de manter a ordem e o respeito. Expliquei o jogo e deixei que as equipes pudessem consultar o conto, caso estivessem com a cópia e fosse necessário.

Como podemos observar, as questões que compõem o Cartogame são relativas ao conto A cartomante e foram selecionadas e organizadas segundo o grau de complexidade exigido para respondê-las. Assim, separamos as questões em dois níveis, para verificar o rendimento dos meninos após o trabalho planejado do conto.

Tabela 4: TABELA DE QUESTÕES POR NÍVEL

NÍVEIS	SENTIDO	QUESTÕES
I	Identificação	1-5; 8; 10; 11; 23; 29-31; 34
II	Compreensão	9; 15-17; 20-22; 26-28; 32; 33; 35-38; 40-42

Além das cartas com perguntas, cartas diferenciadas compunham o jogo atribuindo-lhe um caráter mais lúdico e dinâmico, pois os meninos ficaram eufóricos para serem premiados por uma carta ‘boa’, como chamaram, ao mesmo tempo em que ficaram apreensivos em não sortearem uma carta ‘castigo’, como as cartas-bomba.

O jogo ocorria tranquilamente, até que uma das equipes sorteou a carta de número 25, que lhes concedia o poder de eliminar um adversário. Ao ler o comando da carta, a equipe ficou surpresa e preocupada, pois não pareceu bom eliminar um colega, na verdade uma equipe completa. Enquanto eles decidiam quem eliminar, as outras equipes tentaram persuadi-los a não serem eliminados. Como a equipe que sorteou a carta-surpresa estava com o maior número de pontos, a estratégia usada para a eliminação foi eliminar a equipe mais forte, depois deles.

A equipe eliminada ficou extremamente inconformada e com raiva dos colegas pela decisão. Embora não estivessem mais no jogo, continuaram na sala torcendo para os que os eliminaram perdessem. No entanto, foi a equipe que ganhou em primeiro lugar. A respeito dessa ação pude constatar que a carta teve um efeito positivo que foi o de atribuir ao jogo um espírito competitivo e, um efeito negativo que foi não possibilitar a equipe eliminada demonstrar seu conhecimento para ganhar ou perder. Contudo, foi muito interessante a reação da turma ante a carta-surpresa.

Jogamos até que todas as cartas foram esgotadas. O rendimento de cada equipe em relação às perguntas está descrito no quadro abaixo, o qual segue a ordem de colocação do final do jogo. Na primeira coluna constam as 5 equipes e a pontuação obtida ao final da partida. Na segunda coluna tem-se o nível da identificação, cujas respostas encontravam-se prontas na base do texto, e o número das questões acertadas pela equipe. Na última coluna, há o nível da compreensão, cujas respostas exigiam uma mobilização maior de conhecimentos prévios acerca da narrativa e do mundo, e o número das questões acertadas por equipe.

Tabela 5: TABELA DE RENDIMENTO

EQUIPE (total de pontos)	NÍVEL I	NÍVEL II
1º lugar (44 pontos)	4, 11, 23, 29	16, 28, 32, 35
2º lugar (27 pontos)	5, 10, 30	9, 22, 26
3º lugar (23 pontos)	1, 2	27
4º lugar (6 pontos)	3	21, 36
5º lugar (eliminados)	31, 34	-

- Não souberam responder ou responderam em desacordo: 8, 15 (responderam pela metade), 17, 20, 33, 37, 38 (colocaram Vilela como vítima e Camilo e Rita como vilões por terem traído o amigo e o marido), 40, 41, 42.

Como é possível observar na resposta dada a questão 38, nem sempre a compreensão que o aprendiz terá corresponderá às expectativas planejadas. Esperava-se que eles percebessem que não havia heróis nem vilões nessa história, pois todos os personagens cometeram boas e más ações. Contudo, a resposta dada deixa claro o quanto a compreensão de um texto é afetada pelas ideologias que acreditamos e defendemos.

3.3 Avaliação Formativa

3.3.1 Tarefa Final

Sem dúvida, todas as atividades foram muito significativas no processo de aplicação da SD com vistas a aguçar a compreensão leitora dos aprendizes a partir de contos escolhidos, sobretudo porque renovou a rotina da sala de aula. Mas, principalmente, por possibilitar ao professor acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, o que eles aprenderam e o que ainda podem melhorar. Como também observar o próprio processo de ensino-aprendizagem e a si próprio. Ou seja, o ensino e a aprendizagem são correlativos, um não progredi sem que o outro também melhore.

Nesse sentido, a avaliação formativa ajuda a investigar a metodologia adotada e aplicada ao considerar todo o percurso realizado a fim de minimizar a precariedade da compreensão leitora de alunos do 8º ano do ensino fundamental. Tal como elucida Almeida (2009, p. 44) a avaliação é processual e não isolada. “[...] funciona como um instrumento que possibilita ao

professor analisar criticamente sua prática educativa e, por outro lado, é um instrumento que apresenta ao aluno a possibilidade de saber sobre seus avanços e dificuldades”.

Contrária a finalidade da avaliação tradicional, a formativa centra-se mais na interação do educando que nos resultados esperados. Assim, avalia-se a participação do aluno, seu empenho na execução das tarefas, se estas foram cumpridas ou não, etc. Portanto, a observação do professor pesquisador deve ser sensível a individualidade de cada aprendiz, pois, “ensinar exige respeito à autonomia do ser do aprendiz. O professor que não respeita a curiosidade do aluno transgride os princípios fundamentalmente éticos da sua existência” (ALMEIDA, 2009, p. 62).

Desse modo, os questionamentos, as especulações, suposições e respostas dos alunos durante os exercícios da SD demonstraram um grande avanço no que diz respeito a leitura e a compreensão. Ainda há muito o que melhorar, pois nem tudo ocorreu como planejado. Contudo, relativo aos dados da atividade diagnóstica onde os meninos tiveram imensa dificuldade de responder a perguntas mais complexas, limitando-se a identificação daquelas de base textual, pode-se ver uma progressão nas resposta dadas ao jogo e na resposta ao questionário de pesquisa, como mostram as imagens a seguir.

Mesmo as respostas desacertadas ou incompletas são importantes na avaliação formativa porque representam as dificuldades que ainda persistem nos educandos e que requerem uma revisão das práticas para que sejam melhor alcançadas. Nas palavras de Luckesi (2000, p. 7) “a avaliação da aprendizagem escolar não implica em aprovação ou reprovação do educando, mas sim orientação permanente para o seu desenvolvimento”.

Figura 22

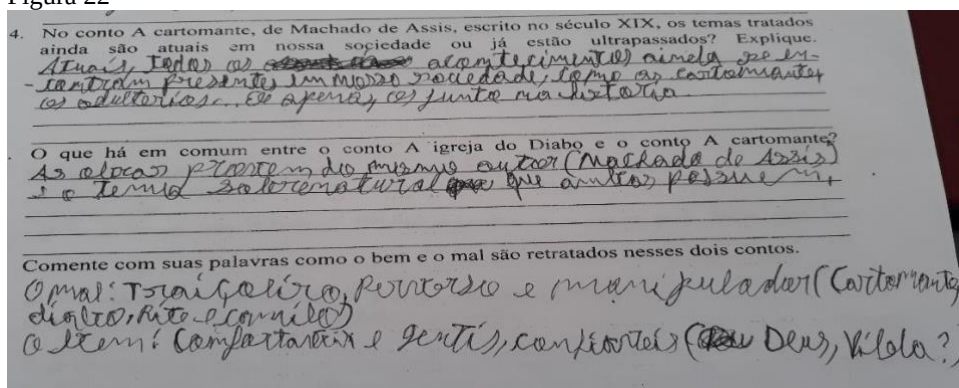


Figura 23

4. No conto A cartomante, de Machado de Assis, escrito no século XIX, os temas tratados ainda são atuais em nossa sociedade ou já estão ultrapassados? Explique.

São atuais, pois ainda na sociedade de hoje, temos tração, ambição, inveja...

5. O que há em comum entre o conto A igreja do Diabo e o conto A cartomante?

Que ambos os personagens prometem coisas boas, que não são tudo certo, mas no momento um tempo depois descobrimos que na verdade não era aquilo que imaginavam

6. Comente com suas palavras como o bem e o mal são retratados nesses dois contos.

Na igreja do Diabo: O Bem é representado por Deus. É o mal o representante do pelo diabo que tem a intenção de levar várias pessoas para a sua igreja do mal fundada na Terra.

Na cartomante: Não a exatamente o bem ou o mal pois todos personagens mentem.

Figura 24

4. No conto A cartomante, de Machado de Assis, escrito no século XIX, os temas tratados ainda são atuais em nossa sociedade ou já estão ultrapassados? Explique.

Sim, porque muitos personagens acreditam em cartomantes e ainda acreditam, mas muitos não são chamados assim, são chamados de Malmo.

O que há em comum entre o conto A igreja do Diabo e o conto A cartomante?

Que o diabo promete tudo de bem a cartomante também falou a comilo que tirou tudo bem.

Comente com suas palavras como o bem e o mal são retratados nesses dois contos.

Na história do diabo e do cartomante não existe bem, todos são mal.

Figura 25

No conto A cartomante, de Machado de Assis, escrito no século XIX, os temas tratados ainda são atuais em nossa sociedade ou já estão ultrapassados? Explique.

ainda são atuais, pois temos muitos casos de pessoas que acreditam em cartomantes e ainda acreditam, mas muitos não são chamados assim, são chamados de Malmo.

O que há em comum entre o conto A igreja do Diabo e o conto A cartomante?

o que há em comum entre esses dois contos é que os dois personagens prometem coisas boas, mas no final descobrimos que não era aquilo que imaginavam

Comente com suas palavras como o bem e o mal são retratados nesses dois contos.

Cartomante - O Mal - todos os personagens da cartomante praticam o mal, até mesmo Vilela, e depois comilo o mal e a cartomante ficou enganado por ele. O diabo por contar a história de como o diabo o bem - Deus. Mal - Diabo

Figura 26

4. No conto A cartomante, de Machado de Assis, escrito no século XIX, os temas tratados ainda são atuais em nossa sociedade ou já estão ultrapassados? Explique.

Ainda existe e pensamos que trabalham muito nesse tipo de trabalho. Traição também.

O que há em comum entre o conto A igreja do Diabo e o conto A cartomante?

O bem e o mal estão iguais.

Comente com suas palavras como o bem e o mal são retratados nesses dois contos.

O bem está sendo tratado como o que sempre vai vencer e o mal nem que sempre vai existir.

As três questões da tarefa final buscam retratar as informações aproveitadas pelos alunos para relacionar as narrativas estudadas no conto A igreja do Diabo e em A cartomante. Percebe-se que há uma evolução da compreensão leitora dos alunos em relação à atividade diagnóstica, tendo em vista que conseguem associar elementos entre os dois contos, como respondeu a aluna da imagem 24 a segunda questão (p. 66): *O que há em comum entre esses dois contos são os atos, como se a igreja do diabo estivesse no conto A cartomante, pois tem traição, adultério, assassinato, engano etc.*

Além dessa resposta, a associação feita nas imagens 22 e 23 (p. 65) chamam a atenção para um fato curioso: no primeiro conto, o diabo promete tudo de bom, mas com o tempo, as pessoas se cansam; no segundo, a cartomante promete que tudo ficará bem, mas tudo acaba em tragédia. Tais associações configuram-se como uma compreensão positiva porque demonstram que os alunos além de terem entendido o texto conseguiram, em algum aspecto, assimilar os sentidos e significações que os constitui.

Enquanto na atividade diagnóstica os alunos responderam a todas as questões de nível I – Identificação, mas não conseguiram responder as duas questões mais complexas, de nível II – Compreensão, na tarefa final todas as questões são respondidas, sendo que, dos 30 alunos participantes, 17 alunos conseguem estabelecer conexão entre os dois contos e 13 respondem que ‘não há nada em comum entre os contos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante a tudo o que foi exposto neste trabalho, fica evidente a carência de um letramento literário nas aulas de Língua Portuguesa e de planos de aula direcionados ao aprimoramento de conhecimentos já concebidos, pois é fato que os alunos não são seres desprovidos de conhecimento nem chegam à escola vazios, eles possuem opiniões, são críticos segundo suas aspirações e convicções próprias da idade e são capazes de se posicionarem frente a determinadas situações ou conversas.

Nesse aspecto, o que falta a esses aprendizes são estratégias que despertem os sentidos deles para a prática da leitura e criem certa familiaridade com o gênero literário, dado que é na leitura e na escrita deste gênero que “encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.” (COSSON, 2016, p. 17). Por isso, posso afirmar que essa pesquisa, não só contribuiu para a aprendizagem dos alunos, como foi importante para repensar meu papel na sala de aula e a finalidade de minhas didáticas.

Não foi uma tarefa fácil competir com o que as novas tecnologias têm ofertado às crianças e adolescentes nem tampouco confortável enfrentar padrões e preconceitos, no entanto, sair da zona de conforto é muito gratificante ao final. Essa pesquisa sem sombra de dúvidas, possibilitou aos alunos uma experiência diferenciada de estudo da leitura e da Literatura. Mesmo havendo alguns choques culturais, a aplicação da sequência didática foi válida só de ver o empenho dos educandos em cada tarefa. Enquanto as aulas tradicionais e às vezes descontextualizadas desanimam aluno e professor, as aulas planejadas de modo organizado renovam a vontade de aprender e o gosto de ensinar.

Assim, é indispensável que as práticas docentes sejam reavaliadas, pois não se pode esperar resultados diferentes se as práticas continuam as mesmas. E o PROFLETRAS possibilita essa reavaliação ao nos colocar como professores-pesquisadores. As aulas, as leituras e as discussões foram instrumentos indispensáveis à concretização desse trabalho e ao desenvolvimento de recursos que contribuam para a melhoria da qualidade do ensino público, como o Caderno Pedagógico que proponho.

O Caderno Pedagógico foi motivado a partir de reflexões sobre a precariedade de leitura e compreensão de nossos alunos, ao longo de dois anos de estudos realizados durante o

Mestrado Profissional em Letras, o qual busca alinhar a teoria à prática docente. E desenvolvido à luz dos conceitos de leitura abordados por Koch e Elias (2007); do letramento literário proposto por Cosson (2016) e das estratégias de leitura evidenciadas por Solé (1998) através da Sequência Didática proposta por Dolz (2004). Esse material se propõe a auxiliar outros colegas professores no trabalho com a compreensão leitora a partir de contos literários.

Longe de ser a solução dos problemas, pois enfrentamos desafios de diversos fatores no tocante à leitura, principalmente de textos literários, as atividades pretendem enriquecer a práxis pedagógica e cooperar para o ensino-aprendizagem de uma proficiência leitora. Oportunizar uma compreensão mais profunda do texto é tirar a venda que impede essas crianças de verem o maravilhoso mundo da Literatura e a importância dela para a sociedade, por isso é responsabilidade da escola viabilizar essas ações, a fim de que os objetivos almejados sejam de fato alcançados e a educação dos jovens e adolescentes seja um progresso e não um retrocesso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Laura Camila Braz de. **A avaliação da produção escrita na aprendizagem de português L1/L2**. Salvador, BA, 2009, 200 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2009
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: editora Zahar, 2001.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In Certeau, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer/ Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014 p. 236 – 248.
- COOULMAS, Florian. **Escrita e Sociedade**. São Paulo: Parábola, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.
- CRUZ, Maria Cristina Fontes da. **A construção do sentido – as inferências no conto “Missa do Galo” de Machado de Assis**. São Cristóvão, SE, 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.
- DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michelle; SCHNEUWLY, Bernad. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo Glaís Sales Cordeiro. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- FABRE, Marie-Christine JM; TAMUSIUNAS, Fabricio; TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach. Reusabilidade de objetos educacionais. **RENOTE**– Revista Novas Tecnologias para a Educação. Porto Alegre: Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (CINTED- UFRGS), v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12975>>. Acesso em: 03 jul. 2019
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. João Wanderley Geraldi (org). São Paulo: Anglo, 2012
- GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do Conto**. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- HANNA, Vera Habaragi. Machado de Assis em seu tempo, em nosso tempo. In: GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (orgs.). **Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 57 - 80
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KLEIMAN, Angela; MORAES, Silva E. **Leitura e Interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: DC Luzzato, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? **Pátio** – Revista Pedagógica. Porto Alegre: ARTMED, ano 3, n. 12 fev./abr. 2000

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

NASCIMENTO, Alessandra Maria Silva. **Leitura – Intertextualidade – Jogo: tudo junto e bem articulado**. São Cristóvão, SE, 2018. 163 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: ARTMED, 1998

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

_____. Consideração intempestiva sobre o ensino de literatura. In: **Inútil poesia**: e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

PRÓ-LIVRO, Instituto. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. 4ª edição. Disponível em <http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/8034-apresentacao-do-seminario-de-lancamento-da-4-edicao-da-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil> Acesso em 17.01.2019

ROIPHE, Alberto. Cânone literário e ensino de literatura: o como e o porquê de uma escolha. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin; ROIPHE, Alberto. **Leitura, escrita e literatura**: interseções e convergências. São Cristóvão: Editora UFS, 2017

ROJO, Roxane. **A prática da linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SERGIPE, Secretaria de Estado da Educação. “DRE 02”. **Projeto Político Pedagógico**, do Colégio Abelardo Barreto do Rosário. Sergipe, 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**; Tradução: Claudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 31, n. 3, p. 443 – 466, 2005

WACHOWICZ, Tereza Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Orgs.). **Leitura:** perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005

ANEXO

CONTO 1.

O HOMEM QUE ESPALHOU O DESERTO, de Ignácio de Loyola Brandão

Quando menino, costumava apanhar a tesoura da mãe e ia para o quintal, cortando folhas das árvores.

Havia mangueiras, abacateiros, ameixeiras, pessegueiros e até mesmo jabuticabeiras. Um quintal enorme, que parecia uma chácara e onde o menino passava o dia cortando folhas. A mãe gostava, assim ele não ia para a rua, não andava em más companhias. E sempre que o menino apanhava o seu caminhão de madeira (naquele tempo, ainda não havia os caminhões de plástico, felizmente) e cruzava o portão, a mãe corria com a tesoura: tome filhinho, venha brincar com as suas folhas. Ele voltava e cortava. As árvores levavam vantagem, porque eram imensas e o menino pequeno.

O seu trabalho rendia pouco, apesar do dia-a-dia constante, de manhã à noite.

Mas o menino cresceu, ganhou tesouras maiores. Parecia determinado, à medida que o tempo passava, a acabar com as folhas todas. Dominado por uma estranha impulsão, ele não queria ir à escola, não queria ir ao cinema, não tinha namoradas ou amigos. Apenas tesouras, das mais diversas qualidades e tipos. Dormia com elas no quarto. À noite, com uma pedra de amolar, afiava bem os cortes, preparando-as para as tarefas do dia seguinte.

Às vezes, deixava aberta a janela, para que o luar brilhasse nas tesouras polidas. A mãe, muito contente, apesar do filho detestar a escola e ir mal nas letras. Todavia, era um menino comportado, não saía de casa, não andava em más companhias, não se embriagava aos sábados como os outros meninos do quarteirão, não frequentava ruas suspeitas onde mulheres pintadas exageradamente se postavam às janelas, chamando os incautos. Seu único prazer eram as tesouras e o corte das folhas.

Só que, agora, ele era maior e as árvores começaram a perder. Ele demorou apenas uma semana para limpar a jabuticabeira. Quinze dias para a mangueira menor e vinte e cinco para a maior. Quarenta dias para o abacateiro que era imenso, tinha mais de cinquenta anos. E seis meses depois, quando concluiu, já a jabuticabeira tinha novas folhas e ele precisou recomeçar. Certa noite, regressando do quintal agora silencioso, porque o desbastamento das árvores tinha afugentado pássaros e destruído ninhos, ele concluiu que de nada adiantaria podar as folhas.

Elas se recomporiam sempre. É uma capacidade da natureza, morrer e reviver.

Como o seu cérebro era diminuto, ele demorou meses para encontrar a solução: um machado.

Numa terça-feira, bem cedo, que não era de perder tempo, começou a derrubada do abacateiro. Levou dez dias, porque não estava habituado a manejar machados, as mãos calejaram, sangraram. Adquirida a prática, limpou o quintal e descansou aliviado.

Mas insatisfeito, porque agora passava os dias a olhar aquela desolação, ele saiu de machado em punho, para os arredores da cidade. Onde encontrava árvore, capões, matos, atacava, limpava, deixava os montes de lenha arrumadinhos para quem quisesse se servir. Os donos dos terrenos não se importavam, estavam em via de vende-los para fábricas ou imobiliárias e precisavam de tudo limpo mesmo.

E o homem do machado descobriu que podia ganhar a vida com o seu instrumento. Onde quer que precisassem derrubar árvores, ele era chamado. Não parava. Contratou uma secretária para organizar uma agenda. Depois, auxiliares. Montou uma companhia, construiu edifícios para guardar machados, abrigar seus operários devastadores. Importou tratores e máquinas

especializadas do estrangeiro. Mandou assistentes fazerem cursos nos Estados Unidos e Europa. Eles voltaram peritos de primeira linha. E trabalhavam, derrubavam. Foram do sul ao norte, não deixando nada em pé. Onde quer que houvesse uma folha verde, lá estava uma tesoura, um machado, um aparelho eletrônico para arrasar.

E enquanto ele ficava milionário, o país se transformava num deserto, terra calcinada. E então, o governo, para remediar, mandou buscar em Israel técnicos especializados em tornar férteis as terras do deserto. E os homens mandaram plantar árvores. E enquanto as árvores eram plantadas, o homem do machado ensinava ao filho sua profissão.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Cadeiras proibidas.
Rio de Janeiro. Editora Codecri, 1979.

Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/07/texto-o-homem-que-espalhou-o-deserto.html> Último acesso em: 10 dez. 2019

CONTO 2.

O MILAGRE, de Stanislaw Ponte Preta

Naquela pequena cidade as romarias começaram quando correu o boato do milagre. É sempre assim. Começa com um simples boato, mas logo o povo – sofredor, coitadinho, e pronto a acreditar em algo capaz de minorar sua perene chateação – passa a torcer para que o boato se transforme numa realidade, para poder fazer do milagre a sua esperança.

Dizia-se que ali vivera um vigário muito piedoso, homem bom, tranqüilo, amigo da gente conselheiro, médico, financiador dos necessitados e até advogado dos pobres, nas suas eternas questões com os poderosos. Fora, enfim, um sacerdote na expressão do termo: fizera de sua vida um apostolado.

Um dia o vigário morreu. Ficou a saudade morando com a gente do lugar. E era em sinal de reconhecimento que conservavam o quarto onde ele vivera, tal e qual o deixara. Era um quartinho modesto, atrás da venda. Um catre (porque em histórias assim a cama da personagem, chama-se catre), uma cadeira, um armário tosco, alguns livros. O quarto do vigário ficou sendo uma espécie de monumento à sua memória, já que a prefeitura local não tinha verba para erguer sua estátua.

E foi quando um dia... ou melhor, uma noite, deu-se o milagre. No quarto dos fundos da venda, no quarto que fora do padre, na mesma hora em que o padre costumava acender uma vela para ler seu breviário, apareceu uma vela acesa.

- Milagre!!! – quiseram todos.

E milagre ficou sendo, porque uma senhora que tinha o filho doente, logo se ajoelhou do lado de fora do quarto, junto à janela, e pediu pela criança. Ao chegar em casa, depois do pedido – conta-se – a senhora encontrou o filho brincando, fagueiro.

- Milagre!!! – repetiram todos. E o grito de “Milagre!!!” reboou por sobre montes e rios, vales e florestas, indo soar no ouvido de outras gentes, de outros povoados. E logo começaram as romarias.

Vinha gente de longe pedir! Chegava povo de tudo quanto é canto e ficava ali plantado, junto à janela, aguardando a luz da vela. Outros padres, coronéis, até deputados, para oficializar o milagre caíam de joelhos, pedindo.

Com o passar do tempo a coisa arrefeceu. Muitos foram os casos de doenças curadas, de heranças conseguidas, de triunfos os mais diversos. Mas, como tudo passa, depois de alguns anos passaram também as romarias. Foi diminuindo a fama do milagre e ficou, apenas, mais folclore na lembrança do povo.

O lugarejo não mudou nada. Continua igualzinho como era, e ainda existe, atrás da venda, o quarto que fora do padre. Passamos outro dia por lá. Entramos na venda e pedimos ao português, seu dono, que vive há muitos anos atrás do balcão, a roubar no peso, que nos servisse uma cerveja. O português, então, berrou para um pretinho que arrumava latas de goiabada numa prateleira:

- Ó Milagre, sirva uma cerveja ao freguês!

Achamos o nome engraçado. Qual o padrinho que pusera o nome de Milagre naquele afilhado? E o português explicou que não, que o nome do pretinho era Sebastião. Milagre era apelido.

- E por quê? – perguntamos.

- Porque era ele quem acendia a vela, no quarto do padre.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Dois amigos e um chato.**
São Paulo: Ed. Moderna, 1986.

CONTO 3.

A IGREJA DO DIABO, de Machado de Assis

Capítulo I
De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo. E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II
Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma

hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa idéia, não vos parece?

— Vieste dizê-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.

— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja.

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia cruel no espírito, algum reparo picante no alforje de memória, qualquer coisa que, nesse breve instante de eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

— Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...

— Velho retórico! murmurou o Senhor.

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. Vede o ardor, — a indiferença, ao menos, — com que esse cavaleiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes tu o que ele fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa tábua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a Ilíada: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu..." O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos de Hissope; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de ordem

literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles,

aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV **Franjas e franjas**

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogomano; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de cinqüenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita

complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.

ASSIS, Joaquim Maria Machado. **Volume de Contos**.
Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf> Último acesso em: 10 dez. 2019

CONTO 4.

A CARTOMANTE, de Machado de Assis.

HAMLET observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era: Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou, interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Villela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Villela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Villela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Villela da província, onde casara com uma dama formosa

e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe a casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Villela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Villela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Villela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Villela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Villela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femmina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as coisas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Villela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pode ler no próprio coração, não conseguia

arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as coisas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pode. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Villela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Villela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Villela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Villela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Villela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas coisas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Villela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Villela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Villela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar, a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dirse-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvaír-se no

cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras coisas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas coisas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...? Deu por si na calçada, ao pé da porta: disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mais ele não, viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita. . . Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, *ragazzo innamorato*...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela em baixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras coisas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Villela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobriu a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer coisa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, *ragazzo innamorato*; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir.

Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

ASSIS, Joaquim Maria Machado. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V. II

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000257.pdf> Último acesso em: 10 dez. 2019

QUESTIONÁRIO SOCIOAVALIATIVO

1. Qual a sua idade?

2. Com que idade você começou a frequentar a escola?

3. Você gostava de ir à escola quando era criança? Por quê?

4. E agora, o que você mais gosta na escola?

5. Você se identifica com alguma disciplina? Qual? Por quê?

6. O que você acha da disciplina de Português?

7. Qual o seu livro preferido? Fale um pouco sobre ele.

8. De que tipos de livros você mais curte?

9. Você costuma ler quantos livros por ano? E seus pais?

10. Você já pensou em escrever um livro alguma vez? Sobre o que escreveria?

PEÇAS DE TEATRO DAS EQUIPES

EQUIPE 1

Parte (1).

O Diabo veio em tabirio Barreto com a ideia de abrir sua Igreja. mas para abrir a sua Igreja ele precisava de fiéis, então começou a procurar.

Diabo (Barreto) ~~Barreto~~ vocês precisam trabalhar? Por que não tentam ganhar dinheiro mais ~~do~~ fácil?

Fieis (Leticia ~~Leticia~~) Sim, Pais Deus mas diz que devemos nos sustentar pelo nosso suor.

Fieis (Dona) E Por como existe esse termo?

Diabo (Barreto) mas é claro que sim! Venham comigo para minha Igreja e lá vocês não precisam trabalhar.

Os fiéis entusiasmados com toda aquela proposta foram sem pensar duas vezes.

Parte (2).

Quando estavam em adoração ao Diabo Deus aparece e o Diabo arrebatado corre. E assim todos começam adorar a Deus naquele momento.

~~Diabo~~ (Deus (Helena)) Então meus filhos, onde estão seus trabalhos?



Continuação Parte(2)

Então os filhos surpresos não sabem o que responder a Deus.

filhos (Delicia) É porque hoje não estamos trabalhando! mas amanhã teremos que trabalhar.

Então Deus sai e assim os filhos se rebelam novamente.

Parte (3)

Então depois que Deus se retirou o diabo voltou e começou a série de apostasias e de vários movimentos. mas enquanto eles estavam lá intertidos Deus chegou e pagou todos no plano e assim todos perceberam que Ali foi o começo a batalha de Deus e o diabo.

Diabo (Satan) tomar meus filhos falar a esse homem que todos vocês não falam a mim!

Então todos ficam calados e confusos mas Deus pergunta a eles:

Deus (Pai) Então meus filhos não continuam sendo fiel a mim ou a esse inimigo?

Então começou um murmure e todos decidem voltar a fazer o certo. Deus fica feliz e o diabo se revoltou, mas não satisfeito o diabo fala:

Diabo (Satan) Seus mentes e cristãos quem perdeu foi vocês, mas eu vou voltar.

EQUIPE 2

1ª Anjo do bem: Senhor!

2ª Deus: Pois bem.

3ª Anjo do bem: Precisamos falar novamente sobre aquele assunto.

4ª Deus: Sobre o que se trata?

5ª Anjo do bem: Se trata da divisão da população mundial.

6ª Deus: Você está querendo se referir as escolhas das pessoas, entre mim e o diabo, certo?

7ª Anjo do bem: Sim, isso mesmo!

8ª Deus: Esse assunto já está encerrado.

9ª Anjo do bem: Mas...

10ª Deus: Não sei como as pessoas, ainda tiveram coragem de escolher o diabo, se não foi ele que criou o universo, não foi ele que veio a este mundo para pagar os pecados de todos, não foi ele que foi crucificado na cruz.

11ª Anjo do bem: Senhor?

12ª Deus: Porque isto teve que acontecer, porquê?

13ª Anjo do bem: Senhor?

14ª Deus: Falai-vos o que têm para falar.

15ª Anjo do bem: Ainda não acabou esta batalha!

16ª Deus: Como assim? Mim explique!

17ª Anjo do bem: De acordo com pesquisas angelicais, descobrimos que ainda resta uma pessoa, que não se decidiu, com quem irá ficar.

18ª Deus: Podemos ganhar esta batalha, se ela mim escolher!

19ª Anjo do bem: Isso mesmo, é nesse ponto que eu queria chegar!

20ª Deus: Então, precisamos correr contra o tempo, Temos que salvar essa alma.

21ª Anjo do bem: Senhor?

22ª Deus: Oi!

23ª Anjo do bem: Fui alertada agora pelos anjos que o...

24ª Deus: Chegouiii!

D S T Q Q S S

25^a Anjo do bem: O diabo iria chegar!

26^a Deus: O que fazes aqui, satanás?

27^a Diabo: Fiquei sabendo da nova notícia, e sabia que eu sou irresistível, todos iram mim adorar!

28^a Deus: Você que pensa!

29^a Diabo: Isso, e o que veremos.

30^a Deus: Como ousas a mim até aqui mim desafiar?

31^a Diabo: Bom, isso se resume em determinação.

32^a Deus: Você sabe que vai perder, somos dois contra um.

33^a Anjo do bem: Isso mesmo, mostra quem manda aqui Senhor!

34^a Deus: Calma, na hora certa.

35^a Diabo: Você que pensa, ~~que~~ sou eu e aqui minha anjinha diabólica.

36^a Anjo do bem: Ah, e? Onde ela está?

37^a Diabo: Ela está bem aqui! Horas, onde ela? AHHA, não, ela se atrasou de novo. Anjinha diabólica Onde você?

38^a Anjo do mal: Aqui estou, desculpa a demora, é que ao longo da minha viagem, tive que parar para tirar selfie com os meus fãs.

39^a Diabo: Você se atrasou para tirar selfies? E nem mim chamou para sair na foto? Estou decepcionado com você!

40^a Anjo do mal: Você está decepcionado pelo meu atraso, ou porque eu não te chamei para a selfie?

41^a Diabo: Pelos dois, agora Cala boca!

42^a Anjo do bem: mim desculpe interromper as suas discursões, mas agora podemos voltar ao assunto principal?

43^a Diabo: Tá!

44^a Anjo do mal: Mas...

45^a Diabo: Cala boca!

46^a Anjo do mal: Tá, já sei Cala!

47^a Diabo: Estou vendo, mesmo.



- 48^a Deus: Agora retire-se os dois!
- 49^a Diabo: Nós não queremos ir agora!
- 50^a Deus: É quem disse que eu estou pedindo; eu estou mandando.
- 51^a Anjo do bem: Agora não embora.
- 52^a Diabo: Tá, tá, já estamos indo.
- 53^a Deus: Acho bom!
- 54^a Anjo do bem: Deus, agora que eles já foram, precisamos ir atrás dessa menina.
- 55^a Deus: Certo
- 56^a Anjo do bem: Só, que tem um problema!
- 57^a Deus: Qual?
- 58^a Anjo do bem: Eu não sei onde ela pode estar!
- 59^a Deus: Não tem problema, eu sei onde ela pode estar!
- 60^a Anjo do bem: Onde?
- 61^a Deus: Não posso falar. Alguém pode estar a escutar.
- 62^a Anjo do bem: Então, vamos!
- 63^a Deus: Vamos!
- 64^a Anjo do bem: Chegamos!
- 65^a Deus: Aqui?
- 66^a Anjo do bem: Bom, pelo que vejo no meu GPS é sim esse local.
- 67^a Deus: Que música horrível. O que é isso?
- 68^a Anjo do bem: Acho que é uma festa da carroça que contém música sertaneja.
- 69^a Deus: Como você sabe?
- 70^a Anjo do bem: Estou vendo aqui no celular!
- 71^a Deus: Desde quando você tem esse celular?
- 72^a Anjo do bem: Desde início do século XXI.
- 73^a Deus: Tá, mais agora temos que achar essa menina.
- 74^a Anjo do bem: Sim, mas antes precisamos saber o nome dela!



75^a Deus: É verdade.

76^a Anjo do bem: O Senhor sabe o nome dela?

77^a Deus: Não!

78^a Anjo do bem: Tá, sem pânico, vou tentar encontrá-la na lista de pessoas existentes.

79^a Deus: Está bem faça isso, mas depressa!

80^a Anjo do bem: Tá. AHAAA!

81^a Deus: Acheu?

82^a Anjo do bem: Achei; o nome dela é Rebeca!

83^a Deus: Já que sabemos o nome dela, agora sim vamos procurá-la.

84^a Anjo do bem: Está bem, vamos.

85^a Deus: Espere, aí!

86^a Anjo do bem: O que foi senhor?

87^a Deus: Eu acho que é aquela menina.

88^a Anjo do bem: A Rebeca?

89^a Deus: Isso!

90^a Anjo do bem: Então vamos até ela!

91^a Deus: Vamos!

92^a Anjo do bem: Oi!

93^a menina: Oi!

94^a Deus: Corrigença, você é a Rebeca?

95^a menina: Sim, sou eu.

96^a Deus: Precisamos conversar!

97^a menina: Então, vamos para um lugar mais próximo.

98^a Deus: Está bem!

99^a Anjo do bem: Vamos começar a falar sobre um assunto muito importante!

100^a Diabo: Esperem; que coisa mais feia, iam começar sem mim?

101^a Anjo do mal: E sem mim?

102^a Deus: Era muito bom, conversar sem vocês por perto!

D	S	T	Q	Q	S	S
---	---	---	---	---	---	---

103^o Diabo: Isso é muito feio, gostei!

104^o Anjo do bem: Será que podemos começar logo? Eu tenho ensaio no coral daqui à 2 horas.

105^o Deus: Por favor, comece!

106^o Anjo do bem: Posso começar?

(Todos dizem: sim!)

107^o Anjo do bem: O assunto que vamos tratar com você é sobre os caminhos!

108^o Menina: Que tipo de caminho?

109^o Anjo do bem: O caminho do bem, e o caminho do mal!

110^o menina: O que esses dois caminhos oferecem?

111^o Anjo do bem: Bom, o caminho do bem te oferece, paz, tranquilidade, amor, felicidade, e muitos outros.

112^o menina: E o caminho do mal, o que ele oferece?

113^o Anjo do bem: Bom, ele oferece...

114^o Diabo: Espere aí, do meu caminho se fala.

115^o Anjo do bem: Tá, pode começar!

116^o Diabo: Bom, o meu lado oferece bastante dinheiro, bastante música pesada, diversão, bastante comida, e muitos outros.

117^o menina: Pronto, agora já sei o que os dois lados oferecem.

118^o Diabo: E aí se decide?

119^o menina: Ainda não, mas antes ~~passo~~ de tomar uma decisão eu posso pedir uma coisa?

120^o

(Todos dizem: sim!)

121^o menina: Eu quero que alguém compre ~~lo~~ uma cerveja!

122^o Anjo do bem: Eu não vou!

123^o Deus: Eu também não vou!

124^o Diabo: Deixe que eu compro para você!

125^o menina: Obrigada!

126^o Diabo: De nada!

127^o Anjo do bem: Desde quando você bebe?

128^o menina: Eu não luto!



D S T Q Q S S

- 129^o Anjo do bem: E porque pediu a cerveja?
- 130^o Menina: Para saciar a minha sede.
- 131^o Anjo do bem: Você tem que beber água, que faz bem para a saúde!
- 132^o Anjo do mal: Deixe a menina beber!
- 133^o Anjo do bem: Você sabe que isso faz mal para as pessoas!
- 134^o Anjo do mal: Mentira! A cerveja além de saciar a sede é refrescante, e faz muito bem para a saúde.
- 135^o Anjo do bem: Não beba! Você sabe que a cerveja pode causar a cirrose e isso é muito ruim!
- 136^o Anjo do mal: Deixe de lá, lá, lá!
- 137^o Menina: Eu bebo ou não bebo?
- 138^o Anjo do mal: Beba!
- 139^o Anjo do bem: Não beba!
- 140^o Menina: Eu vou beber!
- 141^o Anjo do bem: Não, não vai não!
- 142^o Menina: O que você fez?
- 143^o Anjo do bem: Eu fiz um favor para você.
- 144^o Anjo do bem: Não precisava fazer isso.
- 145^o Anjo do bem: Precisava sim!
- 146^o Deus: Tenham calma as duas!
- 147^o Anjo do bem: Sim, Senhor!
- 148^o Menina: Está bem!
- 149^o Diabo: Vamos nos distrair minha gente; vou colocar uma música.
- 150^o Deus: Que música horrível!
- 151^o Anjo do bem: Credo que música sem graça.
- 152^o Anjo do mal: Eu amo essa música!
- 153^o Diabo: Isso é que é música!
- 154^o Menina: Eu gosto muito dessa música.
- 155^o Deus: Anjo do bem: Até você?
- 156^o Deus: Chegou a hora da sua decisão Rebeca!

157ª menina: Já?

158ª Deus: Sim, precisamos de uma resposta agora!

159ª Anjo do bem: Depressa o tempo está se esgotando!

data / /
S T Q Q S S D

160ª menina: Está bem! Eu vou escrever Deus!

161ª Deus: Obrigado!

162ª Anjo do bem: Eu sabia!

163ª Diabo: Que droga! Nós perdemos novamente.

164ª Anjo do mal: Que raiva!

165ª Deus: Satanás tu perdestes, agora se retire!

166ª Diabo: Isso não vai ficar assim!

(O anjo do bem expulsa o Diabo e o anjo do mal).

167ª Deus: Agora seja bem-vinda ao meu reino.

168ª menina: Obrigada.

169ª Anjo do bem: Agora te dou o galardão, você faz de nós agora!

170ª menina: Muito obrigada mesmo!

171ª Deus: De nada! E todos saibam que o bem sempre vence o mal. Há, eu quero te dizer filho meu, venha até mim que eu darei-lhe a salvação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
(PROFLETRAS)



Caderno de atividades pedagógicas:
AGUÇANDO MECANISMOS DE COMPREENSÃO LEITORA A PARTIR DE
PRÁTICAS DE LEITURA DE CONTOS ESCOLHIDOS
8º ano/ Ensino Fundamental

Lídia Maria da Silva Freire

São Cristóvão

2019

APRESENTAÇÃO



Caro colega professor,

Este Caderno Pedagógico (CP) foi motivado a partir de reflexões sobre a precariedade de leitura e compreensão de nossos alunos, ao longo de dois anos de estudos realizados durante o Mestrado Profissional em Letras, doravante PROFLETRAS, o qual busca alinhar a teoria à prática docente. E desenvolvido à luz dos conceitos de leitura abordados por Koch e Elias (2007); do letramento literário proposto por Cosson (2016) e das estratégias de leitura evidenciadas por Solé (1998) através da Sequência Didática proposta por Dolz (2004).

É sabido o desafio que nós, professores de Língua Portuguesa, enfrentamos na sala de aula quando o assunto é leitura, principalmente de textos literários, pois a velocidade das informações e os avanços tecnológicos da sociedade atual soam mais atrativos aos jovens. Por isso, aqui, você encontrará estratégias interativas, as quais contribuam para o ensino-aprendizagem de uma proficiência leitora.

Esse material se propõe a auxiliá-lo no trabalho com a compreensão leitora a partir de contos literários e tem como objetivo:

- Promover a habilidade de leitura
- Viabilizar um contato melhor com textos literários
- Apreender os efeitos de sentido

Os textos aqui trabalhados são contos clássicos de Machado de Assis cuja riqueza de significação é propícia ao desenvolvimento da compreensão e da ampliação de repertório cultural. As atividades propostas visam contribuir para uma pedagogia que aproxime os alunos do universo da leitura, principalmente de textos artísticos-literários, e favoreça a troca e construção do conhecimento em sala de aula.

Esperamos que esta ferramenta contribua para enriquecer o fazer pedagógico com práticas de leitura viáveis à promoção do conhecimento e à participação efetiva em sociedade.

Abraços cordiais!

INTRODUÇÃO



O que é ler? O que é compreender?

Durante muito tempo a leitura foi vista como um mero ato de decodificação. Tal concepção incorreu em práticas pedagógicas que visavam apenas o reconhecimento do código linguístico para daí extrair do texto as informações necessárias, restringindo a habilidade do leitor de avançar para níveis mais aprofundados de compreensão do texto. Contudo, atualmente, é considerada uma atividade complexa de sentidos promovida através da relação amigável entre autor-texto-leitor. Nas palavras de Koch (2007, p. 11), é “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos”.

Essa produção de sentidos é possível por meio da mobilização dos conhecimentos de mundo e das experiências com leituras dos mais variados textos espalhados em sociedade, instigando o educando a uma compreensão a partir da decodificação do que está dito no texto para uma compreensão interpretativa e construtiva das inúmeras possibilidades de significação da mensagem. Ou seja, “o ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender” (SOLÉ, 1998, 73). Assim, no contexto do fazer pedagógico, as práticas devem conceber a leitura como um processo contínuo de aprendizagem.

Para tanto, é papel do professor não apenas mediar saberes, mas sobretudo criar condições que viabilizem o hábito de leitura e compreensão, principalmente do texto literário, pois ele “fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem” (COSSON, 2016, p. 30). Ao mesmo tempo em que promove uma apropriação desse patrimônio cultural, por meio do qual nós nos ressignificamos.

Portanto, as estratégias elaboradas para a aplicação da Sequência Didática, possibilitam ao aluno se envolver de modo mais interativo com os textos e consequentemente com a leitura, colaborando para uma compreensão mais expressiva. E em tempo, contribui para um fazer pedagógico mais dinâmico e bem-sucedido.

ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA/DATA	ETAPA	PROCEDIMENTO/ DURAÇÃO	RECURSOS
AULA 1	APRESENTAÇÃO	✓ Breve esclarecimento sobre literatura, sobre o gênero conto e sobre Machado de Assis. ✓ 50MIN.	DATASHOW SLIDE VOZ
AULA 2	MOTIVAÇÃO	✓ Assisti ao trailer do filme A igreja do Diabo. ✓ Encontrar os fundamentos da igreja do Diabo, no palavras-cruzadas. ✓ 50MIN	DATASHOW VÍDEO CÓPIAS DO PALAVRAS- CRUZADAS
AULA 3	O PRAZER DA LEITURA	✓ Leitura integral do conto A igreja do Diabo; ✓ Investigando palavras ✓ Vídeo Deus e o Diabo na Bahia; ✓ 1H e 40MIN.	CÓPIAS DO CONTO DATASHOW VÍDEO
AULA 4	TEATRO	✓ Teatro elaborado e executado por equipe ✓ 1H e 40MIN.	-
AULA 5	DESCOBRINDO O CONTO	✓ Dicas orais para descoberta do título e da trama; ✓ 50MIN.	PISTAS
AULA 6	LEITURA E ESTUDO DO CONTO	✓ Leitura integral e dinâmica do conto A Cartomante; ✓ 50MIN.	CÓPIAS DO CONTO
AULA 7	CARTOGAME	✓ Jogo de cartas com perguntas diversas sobre o conto ✓ 1H e 50MIN	CARTAZ CONTENDO AS REGRAS DO JOGO CARTAS DADO

Curiosidade!

"Sequência Didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um texto oral ou escrito" (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 97)

PRIMEIRA AULA – 50min

Apresentação

Faz-se pertinente a apresentação dos tópicos abaixo a título de conhecimento que os meninos precisarão no decorrer da Sequência Didática.

- O que é Literatura?
- Quais as características do gênero conto?
- Quem é esse tal de Machado de Assis?

Nos slides, ao final desse material, há um esboço sucinto sobre esses tópicos.

Após esse apanhado geral, que deve ser feito de modo claro e objetivo, passamos para a próxima etapa.



SEGUNDA AULA – 50min

Motivação

- Projete para a turma o trailer oficial do filme A Comédia Divina, disponível nessa página do Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=ilkcJobsqR8>);
 - Após a exibição do vídeo, vale levá-los a imaginar quais seriam os princípios dessa igreja diabólica.
- O que seria permitido na igreja do Diabo e o que seria proibido?

Curiosidade!

Esse momento da sequência didática é importante para ajudar o aluno a adentrar no texto. "Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse diretamente ao mundo da ficção e da poesia, abrindo portas e pavimentando caminhos para a experiência literária" (COSSON, 2016, p. 53)

- Entregue o caça-palavras a seguir para que eles tentem encontrar os fundamentos que imaginaram

CAÇA-PALAVRAS

H	Z	D	R	E	F	C	W	J	L
N	I	M	H	G	T	I	X	U	A
B	V	P	U	S	O	K	Y	Q	Z
N	P	Q	O	R	S	T	U	V	X
M	L	K	J	C	I	H	G	F	E
C	L	U	X	Ú	R	I	A	D	V
B	A	Z	A	B	C	I	D	F	A
N	M	L	K	J	I	H	S	G	I
O	P	Q	R	S	T	U	O	I	D
G	U	L	A	Y	W	X	B	V	A
Z	J	K	L	M	N	O	E	P	D
Y	W	X	V	U	T	S	R	Q	E
Z	A	P	B	C	D	E	B	F	G
O	N	M	R	L	K	J	A	I	H
I	P	Q	R	E	S	T	U	V	X
N	R	T	N	H	G	D	B	A	Z
V	C	A	O	M	R	U	Q	U	B
E	M	T	D	F	V	L	I	K	P
J	P	B	W	Q	K	G	N	Ç	S
A	V	A	R	E	Z	A	X	C	A

Fonte: elaboração de autoria própria

TERCEIRA AULA – 1h. 50min

O prazer da leitura

- Tenha em mãos as cópias do conto A igreja do Diabo, pois este é o momento destinado à leitura integral do texto.
- **Atenção!** A leitura pode ser feita silenciosa ou compartilhada. **Quem decide é você!**
- Peça que os meninos grifem as palavras desconhecidas para após a leitura serem analisadas de acordo com o contexto. Se preferir, selecione algumas para compor um exercício das relações, como no modelo abaixo:

➤ Relacione a coluna da direita de acordo com a esquerda.	
1. Cânon	() Conjunto de normas e regras consideradas como referências
2. Remanescentes	() Gentileza, favor
3. Obséquios	() Sereno
4. Breviário	() Atitude de menosprezo, zombaria e provocação
5. Prédicas	() Ódio pela humanidade
6. Varonil	() Resto
7. Remate	() Livro que reúne os ofícios que os sacerdotes rezam
8. Escárnio	() Arte de argumentar bem, arte da palavra
9. Retórico	() Sermões
10. Placidez	() Homem másculo
11. Misantropia	() Último retoque

Observação: Após a leitura é comum os alunos fazerem julgamentos sobre a obra. Ouça-os. Permita que eles externem suas impressões, mesmo que não sejam as que você espera. Acolha. Se necessário, intervenha.

- Ainda nessa aula, exponha o documentário Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia, disponível nessa página do Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=Oqeu3U0SAms>).

Ele é uma releitura do conto machadiano carregada de ideologias e personalidade de quem o interpreta. Portanto, antes de exibi-lo, analise se a turma receberá sem preconceito, pois do contrário pode incorrer em aborrecimentos.

Caso opte por usá-lo, é uma estratégia importante de reconhecimento da obra.

DICA: selecione as cenas que mais se aproximam do conto original para levar os alunos a relacioná-las. Assim: a cena X corresponde a que trecho do conto lido? Segue algumas opções de cenas abaixo.

1ª CENA (2:09) – Aparição do Diabo com a ideia de desafiar Deus

2ª CENA (2:45) – Deus decide ir fiscalizar o Diabo

3ª CENA (3:45 – 5:47) – As manifestações religiosas

4ª CENA (8:03) – Deus abomina os princípios diabólicos

5ª CENA (10:00) – O Diabo parece vencer

6ª CENA (10:33) – Maria orienta Deus a se unir com Iemanjá

7ª CENA (13:27) – O Diabo considera a humanidade uma piada

- Da mesma forma que os alunos assistiram as dramatizações inspiradas no conto A igreja do Diabo, seria interessante vê-los em cena interpretando o conto que acabaram de estudar. Oriente-os a formarem equipes e elaborarem uma peça de teatro por conta própria e de acordo com suas impressões para apresentarem na próxima aula.



QUARTA AULA – 1h. 50min

Teatro

Destine essa aula para que os alunos apresentem suas produções com calma.

Atribua um tempo para cada equipe se apresentar.

Se achar conveniente, comente cada uma das apresentações, elucidando os pontos positivos.

QUINTA AULA – 50min

Descobrindo o conto

O conto A cartomante é um pouco mais extenso que o anterior, mas sua temática é instigante e envolvente. Assim, instigue a curiosidade dos alunos em saber qual a próxima leitura. Comece pelo título do conto, dando pistas até que eles consigam descobrir qual é o título.

Algumas sugestões:

- É um dos contos mais famoso de Machado de Assis
- O título é composto por apenas 1 artigo feminino e 1 substantivo comum de dois gêneros
- É um profissional autônomo da área da astrologia
- Diz-se capaz de prevê o futuro
- Seu principal instrumento de trabalho são as cartas

Após a descoberta, leve-os a imaginar qual seria a trama desse conto. Ouça as suposições de cada um e em seguida faça um breve comentário sobre a trama, pois eles serão encarregados de descobrir essa história, através do próximo exercício.

Divida o conto em partes iguais, por exemplo, cada página dividida em três ou quatro partes, e coloque-as em envelopes. Separe o desfecho em um envelope à parte contendo outros prováveis desfechos para que eles escolham o que mais estiver de acordo com suas aspirações.

➤ **Finais:**

1. “O tálburi parara em frente à casa de Vilela, que esperava em pé à porta, de braço dado com Rita. Como o passageiro não desembarcava, o cocheiro acreditou que tivesse adormecido e desceu para chama-lo e abrir-lhe a portinhola do carro. Vilela desceu os degraus da entrada da casa para ir ter com o amigo que chegava. Notou o embaraço do cocheiro e aproximou-se para ajudar. Parou ao lado do tálburi e lívido de susto viu o amigo: olhos muito abertos, mas que já nada viam, estava morto. Vilela cuidou de tudo com desvelo, como já houvera feito no passado quando a mãe de Camilo falecera. Durante todo o transe e sepultamento, Rita não dissera uma palavra. Só à noite, tudo terminado, Vilela disse a Rita que aquilo de morrer de repente era comum na família de Camilo, coisas do coração. Rita caiu-lhe nos braços arrebatadamente.”

(Extraído de: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/2807067>)

2. “- Queria apenas pedir-lhe um favor...
-E que favor seria esse, caro amigo?
De repente ouviu-se um barulho de sapatos como se alguém subisse as escadas vagarosamente. Eram Rita e a Cartomante que adentravam à casa. Com uma espingarda e num ímpeto de fúria, Rita atira, mata os dois amigos e em seguida a cartomante.
Apenas uma certeza temos, a de que a cartomante não acertara o destino de ninguém, nem dela própria.”

(Extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

3. “Daí a pouco chegou à casa de Villela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Villela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Villela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pode sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Villela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.”

(Extraído do próprio conto)

4. “A cartomante diz a Camilo que não volte pra casa de Rita, pois Rita não está mais lá... Rita o espera em determinado local e fogem pra bem longe dali. Camilo acredita na cartomante e faz o que ela manda, se encontra com Rita e somem do mapa e vão viver uma vida a dois, bem longe dali. Sentindo a falta da esposa, Vilela se desespera e os procura sem encontrar. Depois de um mês, abatido, retorna a sua casa e cego de amor e ciúme, comete suicídio.”

(Extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

5. “Camilo chega à casa de Vilela:

-Desculpa, não pude chegar mais cedo, que há?

Vilela leva Camilo até a sala onde está Rita com um olhar amedrontado.

- Bem Camilo - disse Vilela - já sei de tudo o que anda acontecendo entre você e Rita. Não esperava que você fizesse tal coisa comigo, sei que como esposo me achei em faltas perante Rita, mas você, meu amigo, foi difícil acreditar que tivestes feito isso.

-Mas Vilela... - Vilela não permite-o acabar a frase e vai logo dizendo:

-Já conversei com Rita e ela quer ficar com você, então se vão daqui, já!

Camilo vai embora com Rita. De lá, saiu com um olhar cabisbaixo, não queria que as coisas acabassem assim.

Vilela depois de um bom tempo, se casou novamente e Rita e Camilo Já morando em um outro estado, tiveram dois filhos e vivem muito felizes.”

(Extraído de: <https://brainly.com.br/tarefa/2564082>)

Entregue a cada equipe ou a cada aluno, como preferi, um envelope com os desfechos e o outro com as demais partes e solicite que eles tentem montar o conto. Para norteá-los, exponha no quadro ou em um cartaz as seguintes orientações:

Os fragmentos do conto respeitam a sequência cronológica dos fatos abaixo descritos:

1. Momento em que Rita e Camilo se conhecem e se aproximam.
2. Momento em que Rita e Camilo se envolvem.
3. Momento em que Rita e Camilo se separam.
4. Momento em que Rita e Camilo provavelmente se verão de novo.

SEXTA AULA – 50min

Leitura e estudo do conto A cartomante

Após concluírem a tarefa, distribua cópias dos contos para que eles acompanhem a leitura, a qual pode ser feita por você, querido professor, ou de modo dinâmico,

dividindo as falas. Não tenha pressa! Leia com calma para que os meninos consigam acompanhar e assimilar o que estão lendo.



Observação: Após a leitura é comum os alunos fazerem julgamentos sobre a obra. Ouça-os. Permita que eles externem suas impressões, mesmo que não sejam as que você espera. Acolha. Se necessário, intervenha.

SÉTIMA AULA – 1h. 50min

Cartogame – A cartomante em jogo



Imagem 1

Os jogos se configuram uma ótima alternativa para estimular a aprendizagem, desenvolvendo habilidades como a autoconfiança, a organização, a concentração, a atenção, o raciocínio lógico e, por vezes, o cooperativismo de forma lúdica, “e a essência do espírito lúdico é ousar, correr riscos, suportar a incerteza e a tensão” (HUIZINGA, 1996, p. 59).

Por meio do jogo, os alunos terão a oportunidade de refletir sobre o conto, sobre a leitura que fizeram e sobre eles mesmos, pois terão de lidar com o erro e a frustração,

buscando estratégias para superá-los, como também experimentarão a alegria da conquista e da vitória.

Essa Sequência Didática acompanha, ao final, o tutorial completo do cartogame bem como outros anexos.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Objetivo – examinar o resultado das leitura

- Entregar aos alunos um questionário a fim de que eles estabeleçam pontos de conexão entre os dois contos estudados. Por exemplo:
 1. No conto A igreja do Diabo, de Machado de Assis, o que mais lhe impressionou?
 2. Transcreva uma frase do conto que tenha chamado a sua atenção e explique o porquê?
 3. Faça um breve comentário sobre o(s) vídeo(s) usados para demonstrar outros níveis de compreensão acerca do conto machadiano, expondo suas impressões.
 4. No conto A cartomante, de Machado de Assis, escrito no século XIX, os temas tratados ainda são atuais em nossa sociedade ou já estão ultrapassados? Explique.
 5. O que há em comum entre o conto A igreja do Diabo e o conto A cartomante?
 6. Comente com suas palavras como o bem e o mal são retratados nesses dois contos

MISSÃO CUMPRIDA



Esta Sequência Didática apresenta-se como uma sugestão de trabalho adaptável à realidade de cada sala de aula e a qualquer outra obra que se pretenda trabalhar no intuito de alcançar os objetivos aqui pretendidos. A partir da reflexão da própria práxis pedagógica e da observação acerca da aprendizagem dos educandos, todas as atividades foram elaboradas visando conduzir o aluno a desenvolver seus próprios mecanismos de compreensão leitora e a terem um contato agradável com a Literatura.

O Cartogame também é flexível, pois só necessita elaborar as perguntas de acordo com o texto que se pretenda trabalhar. E quanto ao material utilizado, todos podem ser feitos manualmente com os recursos que forem disponíveis: o dado pode ser uma caixa forrada com cartolina e marcada com um pincel para quadro-branco; e, as cartas podem ser confeccionadas também com cartolina ou papel cartão, que são mais resistentes, ou qualquer outro papel disponível em sua escola.

TUTORIAL DO CARTOGAME¹

Lídia Maria da Silva Freire

O Cartogame é um jogo de cartas sobre o conto A cartomante, de Machado de Assis, composto por 42 cartas divididas em: duas cartas bomba, duas cartas coringa, seis cartas surpresa e 32 cartas com perguntas sobre a obra, descritas abaixo.

1. Quais personagens compõem o triângulo amoroso do conto A Cartomante, de Machado de Assis? (vale 1)
R.: **Camilo, Vilela e Rita**
2. Em que lugar se passa a história narrada no conto? (vale 1)
R.: **na cidade do Rio de Janeiro**
3. Que tipo de narrador temos nesse conto de Machado de Assis? (vale 1)
R.: **narrador observador**
4. Como Camilo conseguiu um emprego público? (vale 1)
R.: **O pai queria vê-lo médico, mas ele não preferiu não ser nada, então a mãe conseguiu um emprego público para ele.**
5. Quanto custava a consulta da cartomante e quanto Camilo pagou? (vale 1)
R.: **custava dois mil-réis e ele pagou dez mil-réis**
6. **CARTA BOMBA** (perde todos os pontos para o próximo grupo) (vale 1)
7. **CARTA CORINGA** (a próxima pergunta a professora responde) (vale 1)
8. A que ser o narrador compara a mulher? (vale 2)
R.: **a uma serpente**
9. Qual o desfecho desse conto? (vale 2)
R.: **O assassinato de Rita e Camilo por Vilela**
10. Onde aconteciam os encontros entre Rita e Camilo? (vale 2)
R.: **Numa casa na antiga Rua dos Barbons**
11. Que acontecimento faz Camilo se afastar da casa de Vilela e Rita? (vale 2)
R.: **as cartas anônimas sobre seu relacionamento com Rita**
12. **CARTA CORINGA** (a próxima pergunta a professora responde) (vale 2)
13. **CARTA SURPRESA** (cave mais uma carta) (vale 2)
14. **CARTA SURPRESA** (imunidade – não pode ser eliminado) (vale 2)

¹Jogo idealizado e montado pela autora com o apoio da Gráfica Total Impresso na arte das cartas.

15. O gênero conto é dividido, tradicionalmente, em quais partes? (vale 3)
R.: **Apresentação, conflito, clímax e desfecho**
16. A cartomante do conto em questão cumpriu com sua função? Por quê? (vale 3)
R.: **Não, pois não foi capaz de alertar Camilo sobre o perigo iminente.**
17. A que escritor Machado de Assis faz alusão ao citar Hamlet e Horácio? (vale 3)
R.: **A William Shakespeare**
18. **CARTA SURPRESA** (fique uma rodada sem jogar) (vale 3)
19. **CARTA SURPRESA** (cave mais uma carta) (vale 3)
20. O que é uma sibila? (vale 3)
R.: **mulher a quem se atribuíam o dom da profecia e o conhecimento do futuro.**
21. Qual a mensagem filosófica posta na apresentação do conto importante para o desenrolar da trama? (vale 3)
R.: **Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia**
22. De que trata a história do conto A cartomante? (vale 4)
R.: **De um caso extraconjugal que culmina em assassinato.**
23. Como Camilo e Rita se tornaram tão próximos a ponto de se apaixonarem? (vale 4)
R.: **Com a morte da mãe de Camilo, Rita se ocupou de ocupar o espaço vazio, confortando-lhe o coração.**
24. **CARTA BOMBA** (perde todos os pontos para o próximo grupo) (vale 4)
25. **CARTA SURPRESA** (elimine um adversário) (vale 4)
26. O que é um tílbur? (vale 4)
R.: **Uma carruagem, meio de transporte**
27. Qual o nome completo do autor do conto? (vale 4)
R.: **Joaquim Maria Machado de Assis**
28. Qual a reação de Camilo ao receber a primeira carta anônima? (vale 4)
R.: **Cessar as visitas à casa de Vilela e Rita**
29. Como o narrador descreve a personagem Rita? (vale 5)
R.: **Como uma dama formosa e tonta, de 30 anos, graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa.**
30. Como o narrador descreve o personagem Vilela? (vale 5)
R.: **Um magistrado de 29 anos cujo porte grave o faz parecer mais velho.**
31. Como o narrador descreve o personagem Camilo? (vale 5)
R.: **Um funcionário público de 26 anos, aparentemente sozinho no mundo.**

32. A mensagem “Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia” trata dos mistérios que a ciência não consegue desvendar. No conto, que mistério paira no ar? (vale 5)

R.: **Como Vilela descobriu que estava sendo traído por seu amigo e sua esposa.**

33. O narrador em momento algum julga as personagens da trama, contudo, fica evidente que elas possuem uma desvirtude em comum. Qual seria? (vale 5)

R.: **A hipocrisia/ falsidade**

34. Como o narrador descreve a cartomante? (vale 5)

R.: **mulher de 40 anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos**

35. Quais os temas da vida social, muito recorrentes nas obras de Machado de Assis e também na sociedade carioca do século XIX, presentes no conto A cartomante? (vale 5)

R.: **o adultério, o casamento de fachada, os assassinatos**

36. Qual a importância da cartomante para o conto? (vale 6)

R.: **Ela representa o oráculo que prevê o futuro.**

37. Qual o principal conflito desencadeador do clímax? (vale 6)

R.: **O bilhete de Vilela à Camilo solicitando a presença deste em casa daquele.**

38. Quem é o vilão e o herói da história? (vale 6)

R.: **Não há 1 vilão nem 1 herói, pois todos os personagens carregam consigo aspectos positivos e negativos**

39. **CARTA SURPRESA** (fique uma rodada sem jogar) (vale 6)

40. Camilo, aos 20 anos perdeu a crença em todas as coisas, porém alguns acontecimentos recentes fazem o jovem voltar a acreditar em certos assuntos. Que acontecimentos foram esses? (vale 6)

R.: **o relacionamento escondido com Rita, as cartas anônimas, o bilhete de Vilela, o desespero por achar que o amigo soubesse de tudo...**

41. Qual o clímax do conto? (vale 6)

R.: **A passagem de Camilo pela cartomante.**

42. Qual a única pista dada no texto a respeito do caráter duvidoso da cartomante? (vale 6)

R.: **“Era imprudente andar por essas casas, pois Vilela podia saber”**

Para a realização do jogo, são necessárias as seguintes peças:

I – um dado

II – cartas contendo perguntas referentes à obra literária trabalhada, carta surpresa, carta coringa, carta bomba e cujo verso contemple cada lado do dado

III – uma caixa para guardar as cartas



Organização

A turma pode ser dividida em seis equipes com seis integrantes cada ou de acordo com o número de alunos que haja na sala onde o jogo será aplicado, desde que o número mínimo de equipes seja três. A escolha dos grupos fica a critério dos alunos. Inicia o jogo a equipe que lançar o dado e obtiver a maior pontuação e assim sucessivamente até obter a ordem que cada uma jogará. A pontuação é relativa à quantidade de pontos que há no verso das cartas conquistadas pela equipe ao ter respondido acertadamente a pergunta feita. As regras do jogo devem estar claras e expostas em lugar visível a todas as equipes.

Regras do jogo

1. Jogo composto por, no mínimo, três equipes com número de componentes de acordo com a turma;
2. Um integrante diferente de cada equipe lança o dado a cada rodada;
3. A numeração do dado corresponde à numeração da carta que o integrante terá de escolher para responder entre as cartas com a quantidade de pontos sorteados;

4. Ao escolher a carta, o integrante a entrega ao professor que fará a pergunta em alto e bom tom;
5. O integrante pode consultar a equipe, mas esta não pode responder por ele sob pena de ficarem uma rodada sem jogar;
6. Pode haver consulta ao texto integral da obra;
7. Cada um terá trinta segundos para responder;
8. Caso o integrante não saiba a resposta da carta sorteada, outra equipe que saiba poderá respondê-la (se a resposta estiver errada, o grupo perde a quantidade de pontos relativos à carta da pergunta respondida);
9. Em primeiro lugar vence a equipe que obtiver mais pontos de acordo com a pontuação de cada carta conquistada. E assim, respectivamente até o último lugar.

SLIDES PARA A PRIMEIRA AULA



Slide 1



Slide 2

A arte da palavra!

Relação íntima;

Sensibilização;

Reflexão;

Conhecimento



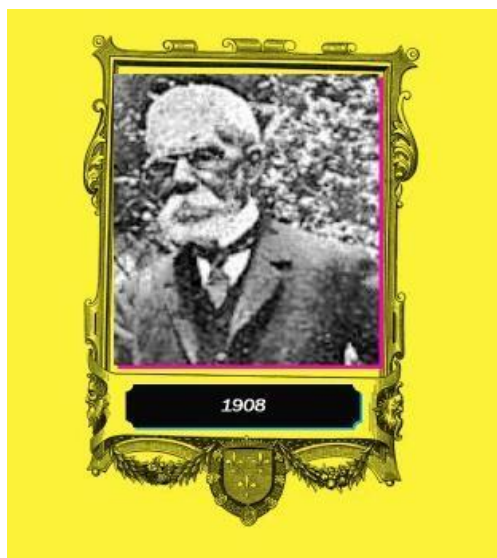
Slide 3

O GÊNERO LITERÁRIO: CONTO

- ❖ Se define pela sua pequena extensão;
- ❖ É um gênero conciso;
- ❖ Possui estrutura fechada (uma só apresentação, conflito, clímax e desfecho);
- ❖ Poucas personagens,
- ❖ Ação, tempo e lugar bem demarcados



Slide 4



JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

O MAIOR NOME DA LITERATURA NACIONAL

- ▶ 1839 – 1908
- ▶ Filho de pintor e empregada;
- ▶ Trabalhou em vários jornais;
- ▶ Fundador da ABL;
- ▶ Jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo



Slide 5

Uma obra que revela quão reflexivo é seu autor.

Crítica sem reflexão não é crítica

Slide 6

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michelle; SCHNEUWLY, Bernad. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo Glaís Sales Cordeiro. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**; Tradução: Claudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

